

Adriana Pires Marcial

Largo de Santo Antônio Ontem... Largo da Carioca Hoje

O Estudo das Camadas de Densidade Simbólica e as Narrativas Urbanas

Rio de Janeiro
2008

Livros Grátis

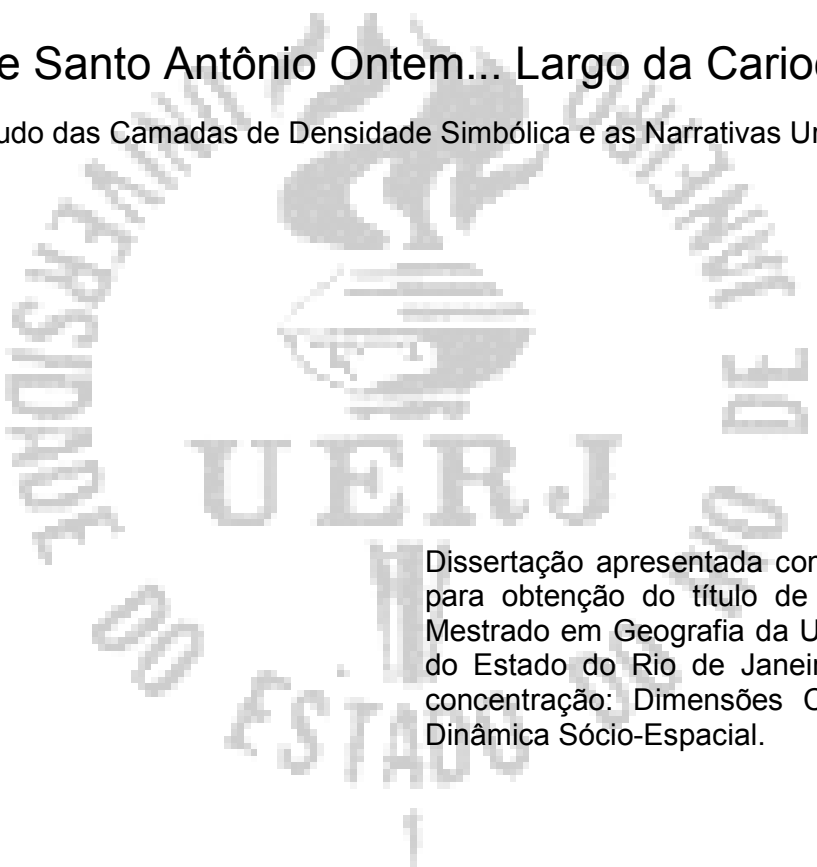
<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Adriana Pires Marcial

Largo de Santo Antônio Ontem... Largo da Carioca Hoje:

O Estudo das Camadas de Densidade Simbólica e as Narrativas Urbanas



Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, no Mestrado em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Dimensões Culturais na Dinâmica Sócio-Espacial.

Orientadora: Prof^a Dr^a Zeny Rosendahl

Rio de Janeiro
2008

Adriana Pires Marcial

Largo de Santo Antônio Ontem... Largo da Carioca Hoje:

O Estudo das Camadas de Densidade Simbólica e as Narrativas Urbanas

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, no Mestrado em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Dimensões Culturais na Dinâmica Sócio-Espacial.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Zeny Rosendahl (Orientadora)
Instituto de Geografia da UERJ

Prof. Dr. Paul Claval
Université Sorbonne Paris IV

Prof. Dr. Roberto Lobato Corrêa
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Miguel Ângelo Ribeiro
Instituto de Geografia da UERJ

Rio de Janeiro
2008

Dedicatória à:

Minha família, pela vivência do compromisso solidário, pelo aprendizado da humildade e pelo exemplo de amor e coragem.

Minha mãe pelo apoio e incentivo durante toda minha vida.

A meu filho Marvin, por colaborar em todos ou 'quase' todos os momentos de estudo...

Agradecimentos

À professora Zeny Rosendahl – minha orientadora – amiga, pelo carinho e respeito dedicados durante toda esta jornada, e principalmente pela coragem em enfrentar sempre novos desafios.

Ao professor Roberto Lobato Corrêa por inspirar e suscitar novos caminhos de pesquisa em Geografia.

Aos colegas do Nepec, ‘minha casa’ na Universidade, pelo apoio e incentivo contínuos neste caminhar. Especialmente a Carol por emprestar seus dons estéticos e pela paciência.

Aos alunos que cursaram a disciplina Geografia Cultural no 1º semestre de 2008 pela colaboração na execução das entrevistas e pelos relatos de sua experiência que também serviram como elementos para esta análise.

Aos demais colegas de curso, professores e funcionários pelo apoio em mais essa jornada.

Aos sujeitos/atores presentes no cotidiano do Largo da Carioca que participaram das entrevistas, contribuindo assim, para a elaboração desse estudo.

RESUMO

MARCIAL, Adriana Pires. Largo de Santo Antônio Ontem... Largo da Carioca Hoje: o Estudo das Camadas de Densidade Simbólica e as Narrativas Urbanas. 2008. 112 folhas. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Trata-se de um estudo sobre a interpretação das formas simbólicas espaciais e das práticas culturais presentes em uma praça tradicional localizada no centro da metrópole carioca – Largo da Carioca. Procura-se decodificar, na abordagem da Geografia Cultural, Antropologia Cultural e História, uma visão particular deste cenário carioca, através das camadas de densidade simbólica constituídas em temporalidades distintas e dos diversos *mapas de significados* existentes nas narrativas daqueles que experienciam cotidianamente esta praça. Uma parte da polivocalidade presente no local é revelada. O Largo, que já foi de Santo Antônio e hoje é denominado Largo da Carioca, configura-se, assim, como palco das inter-relações entre as formas materializadas na paisagem e as práticas sócio-culturais. Portanto, este estudo pretende contribuir, a partir da combinação de teorias e métodos, para um 'outro' caminho de pesquisas em Geografia Cultural no cenário urbano.

Palavras-chave: geografia cultural, urbano, camadas de densidade simbólica, mapas de significados, polivocalidade.

ABSTRACT

MARCIAL, Adriana Pires. Largo de Santo Antônio Ontem... Largo da Carioca Hoje: o Estudo das Camadas de Densidade Simbólica e as Narrativas Urbanas. 2008. 112 folhas. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

This is a research about the interpretation of space symbolic forms and also cultural practices verified in a traditional square (or open area) placed in Downtown Rio de Janeiro – known as Largo da Carioca. It is needed to decode a particular point of view of this *carioca* scenery, based on Cultural Geography, Cultural Anthropology and History, through layers of symbolic density formed in different historical moments, besides diverse maps of meanings present at narratives from those ones who experience day-by-day this square. Then, part of the polyvocality current in this location is revealed. Thus, the square, which was called Largo de Santo Antônio and nowadays is Largo da Carioca, is represented as a place of inter-relationships between materialized forms in the landscape and socio-cultural practices. Therefore, this study intends to contribute, through combining theory and methods, to ‘another’ way to research in Cultural Geography in urban scenery.

Key-words: Cultural Geography, urban, layers of symbolic density, maps of meanings, polyvocality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E ESQUEMAS.

Figura 01 - Largo da Carioca e seus Microcosmos – 2008	28
Ilustração 01 – Largo da Carioca 1608	41
Esquema 01 – Largo da Carioca 1608	42
Ilustração 02 – Largo da Carioca 1650	44
Esquema 02 – Largo da Carioca 1650	45
Ilustração 03 – O Largo da Carioca e suas temporalidades	46
Ilustração 04 – Largo da Carioca 1723	49
Esquema 03 – Largo da Carioca 1723	50
Ilustração 05 - Largo da Carioca 1910	57
Planta de situação - Largo da Carioca 1910	58
Ilustração 06 - Largo da Carioca 1999	64

LISTA DE FOTOS

Foto 01 – Pátio frontal do complexo religioso no tempo da festa	74
Foto 02 – Escadaria de acesso à Igreja no tempo da festa	74
Foto 03 – Complexo Arquitetônico do Sagrado.....	76
Foto 04a – Lugar onde tudo acontece	79
Foto 04b – Lugar onde tudo acontece	79
Foto 05a – O contraste das arquiteturas	83
Foto 05b – O contraste das arquiteturas	83
Foto 06a - Saída do Metrô – Convento - Estação Carioca	86
Foto 06b – Interior da Estação Carioca.....	86
Foto 07 – Diversidade cultural e apropriação do espaço público	88
Foto 8a Artista de rua – estátua representando um agricultor	93
Foto 8b Roda de artistas de rua em apresentação	93
Foto 09a – roda da Cia de Teatro Sacra Folia	98
Foto 09b – Artistas plásticos e artesãos	99
Foto 10 Saxofonista Ademir – ‘música no metrô da Carioca’	100
Foto 11 - Relógio lampadário – monumento ‘invisível’ no Largo da Carioca.	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CULTURA E SUA ESPACIALIDADE NO URBANO: TEORIA E MÉTODO.....	14
1.1 Camadas de densidade simbólica no Largo da Carioca e o significado do espaço a partir do olhar do outro: a metodologia	29
2. FORMAS SÓCIO-ESPACIAIS NA CONSTRUÇÃO DAS CAMADAS DE DENSIDADE SIMBÓLICA NO LARGO DA CARIOCA	34
2.1 A cidade e o Largo: camadas de densidade simbólica na Cidade do Rio de Janeiro	38
2.1.1 O espaço do Brasil colonial no centro da cidade do Rio de Janeiro	40
2.1.2. A água chegou... o comércio se especializa	47
2.1.3. O “BOTA ABAIXO” chegou ao Largo da Carioca	53
2.1.4. Do Bonde ao Metrô: os transportes ratificando a centralidade	60
3. NARRATIVAS URBANAS NO LARGO DA CARIOCA: “LUGAR ONDE TUDO ACONTECE”	66
3.1. Um dia no Largo da Carioca: os cheiros, os sons e sabores	67
3.2. Olhares de quem trabalha no local	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXO	112

INTRODUÇÃO

Na adolescência, passar as tardes caminhando pelo centro da Cidade era um dos meus programas prediletos. Do labirinto das lojas da Rua do Ouvidor, Uruguaiana, Sete de Setembro e Carioca até os passeios pela Cinelândia para observar os edifícios monumentais, como o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional e o edifício da Assembléia Legislativa, fui descobrindo o centro do Rio, ou simplesmente a ‘Cidade’ como muitos chamam esse bairro. O ritmo acelerado da vida urbana impressionava e confundia os sentidos, dispersava a atenção, tendia a ocultar detalhes. Somente o olhar mais atento de quem gostava de vagar por suas ruas e praças foi capaz de revelar aspectos menores, mas não menos importantes, do cotidiano de um bairro onde se tinha tempo e lugar para muitas coisas não tão “importantes”. O ‘centro’ revelou-se, então, um bairro divertido, e aquela multidão que circulava de forma frenética, aos poucos foi deixando de parecer uma massa homogênea e impessoal.

Neste *flanar* pela ‘Cidade’ veio a descoberta do Largo da Carioca. O que me atraía e chamava a atenção nesta praça era a presença constante de artistas diversos e divertidos, e o grande número de pessoas, além é claro da presença marcante no local de formas simbólicas antigas e modernas. Nesta praça, comecei a descobrir indivíduos e grupos que cultivavam práticas sócio-culturais próprias e que imprimiam naquele espaço público, aparentemente sem dono, toques e marcas pessoais. A entrada no curso de Geografia e a possibilidade de fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre o Largo da Carioca foram despertadas assim que passei a fazer parte do Nepec – Núcleo de estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura. Na verdade, no início, não sabia ao certo como faria tal pesquisa, visto que os temas ligados à análise do espaço, a partir de uma abordagem cultural, eram múltiplos no exterior e pouco conhecidos no Brasil. O interesse maior concentrava-se na geografia-histórica do Largo, representada pelas formas simbólicas presentes no local, além da atuação de determinados sujeitos/atores que se apropriavam cotidianamente deste espaço público, territorializando suas práticas sócio-culturais. A literatura pesquisada em outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, a História e a própria Geografia Cultural renovada permitiu reflexões acerca de novos métodos de análise do espaço.

Essas reflexões levaram a busca pelo entendimento de como o autor-leitor experiencia o tempo-espaço social, cultural e econômico da sua condição humana. Ele procura descrever e inscrever sua marca na época e sociedade em que vive. Partindo desta premissa, procuramos destacar, através das relações traçadas entre a Geografia, a Antropologia e a História, uma visão particular do cenário de uma parte central da Cidade do Rio de Janeiro, o Largo da Carioca, em um rápido panorama histórico, desde os anos do Brasil colônia até os dias de hoje – década do ano 2000, início do século XXI. Comungamos também com pensadores, geógrafos ou não, que vêem a cidade multifacetada. Portanto, não houve preocupação com análises puramente geográficas. Propomos, desse modo, uma releitura de *formas simbólicas espaciais*, permanentes ou transitórias, desde a arquitetura local constituída pelo poder público como prédios comerciais, financeiros, religiosos, até a arquitetura encarnada nos corpos que circulam diariamente no local: ambulantes, transeuntes, artistas de rua entre outros.

Este estudo apresenta-se dividido em três capítulos. No primeiro, procedemos a uma breve reflexão sobre o conceito de cultura na Geografia e na Antropologia, bem como ao uso de tal conceito nas pesquisas no meio urbano. As contribuições da Geografia Cultural renovada para a análise da espacialidade cultural no urbano aparecem em evidência. Além disso, destacamos, também neste capítulo, os métodos que nortearam nosso estudo.

O segundo capítulo apresenta uma análise geo-histórica da área de estudo – Largo da Carioca –, considerando diferentes temporalidades que caracterizam-se como constituintes de *camadas de densidade simbólica* marcadas no local. Essas *camadas* aparecem representadas por *formas simbólicas* materiais ou imateriais, ou seja, práticas sócio-culturais presentes no Largo desde tempos remotos, resistindo a todas as mudanças próprias de uma urbe em movimento.

No terceiro capítulo propomos uma decodificação e análise do espaço público que compreende o Largo da Carioca, a partir dos olhares daqueles que vivenciam esta praça cotidianamente com o objetivo de interpretar os diversos textos que remetem às paisagens refletidas por esta heterotopia.

Concluimos a pesquisa com a certeza de que os caminhos teóricos e metodológicos em geografia cultural possibilitam leituras variadas do espaço geográfico. O geógrafo cultural lida com grupos humanos e suas interações e ações coletivas na construção de diferentes *mapas de significados*. Por isso,

valorizamos a imaginação geográfica na interpretação e decodificação das camadas de densidade simbólica, e nos diversos *mapas de significados* atribuídos pelos grupos humanos às formas simbólicas materiais e/ou imateriais presentes na praça hoje denominada Largo da Carioca.

1. CULTURA E SUA ESPACIALIDADE NO URBANO: TEORIA E MÉTODO.

A cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos – tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza e particularmente da natureza humana.

Robert Park

Os estudos relacionados ao urbano, a partir de uma abordagem cultural são bastante recentes na Geografia. Os geógrafos culturais parecem ter despertado para tais estudos. Segundo Paul Claval (1999) e Roberto Lobato Corrêa (2006), apenas a partir de meados da década de 1970, quando o próprio conceito de cultura passa por uma redefinição, ampliam-se as possibilidades de pesquisa no espaço urbano. Essas reflexões sobre o conceito de cultura abrem novas perspectivas de análise do espaço geográfico, em que se percebe que a cultura não organiza o espaço, mas o penetra. A compreensão desse conceito como um aspecto inerente ao ser humano, considera-o como socialmente construído e ativamente mantido por atores sociais, além de carregar e transmitir continuamente os símbolos criados e recriados pelo grupo social do qual faz parte. Por outro lado, pode-se opor ao primeiro conceito de cultura um outro, que o percebe como uma entidade supra-orgânica. Por essa perspectiva, como argumenta o geógrafo James Duncan (2003), entende-se cultura “como uma entidade acima do homem, não redutível as ações pelos indivíduos que estão associados a ela, misteriosamente respondendo a leis próprias” (2003, p.64). A cultura nessa concepção supra-orgânica, introduzida por Alfred Kroeber na antropologia americana e aceita por Sauer na geografia cultural (Corrêa, 2003) não considera o indivíduo, mas sim enxerga a cultura como algo poderoso que designa

as atividades e o modo de ser do homem como determinação, pairando sobre a sociedade e o homem sendo subordinado a ela.

Durante a primeira metade do século XX, esta visão supra-orgânica predominou na geografia cultural, em que os estudos desenvolvidos se preocupavam muito com a descrição do mundo e não com sua compreensão; o determinismo cultural buscava diferenciar os espaços, seguindo aspectos culturais, em que “a cultura é um fator genético primordial, juntamente com o físico e o biológico, na determinação do caráter dos lugares” (DUNCAN *apud* ZELINSKY, 2003, p.73); enfatizava o estudo dos espaços rurais; e considerava o peso da história, ou seja, o passado como elemento fundamental para as análises. Enfim, preocupava-se sobremaneira em descrever a diversidade da Terra, inventariar os tipos de paisagens e explicar as formas de organização do espaço, tendo a cultura como um elemento determinante. As críticas a esta visão da cultura como supra-orgânica, segundo Duncan (2003), se aplicam aos trabalhos empíricos na geografia cultural,

Grande parte da pesquisa empírica de Sauer deve merecer a atenção e os elogios que recebeu; entretanto, como uma escola saueriana ou geografia cultural de Berkeley, é desnecessariamente limitada nas questões que pode abordar (...) Por eliminar de forma explícita a discussão a respeito do indivíduo e por lidar apenas com o efeito material do homem em geral, o homem genérico, ou o conjunto de todos os homens de uma região, depara-se com duas opções apenas. Pode-se negar a explicação como meta e se decidir pela ‘descrição’, que é de certa maneira, diferente da explicação, ou deve se depender de um conjunto maior como a cultura, como uma variável explanatória (DUNCAN, 2003, p. 90).

A partir da década de 1970, com a renovação da geografia cultural, a escola norte americana de Berkeley, assim como a geografia cultural tradicional de Vidal de La Blache, baseada na análise e diferenciação dos grupos humanos pelo conceito de *gênero de vida*, foram alvo de duras críticas por parte de geógrafos oriundos de diversos caminhos teóricos ou experiências em distintos contextos culturais (CORRÊA, 2003). O conceito de cultura é repensado pelos geógrafos culturais, que começam a defini-la a partir de outras perspectivas, como aponta Claval: “as relações dos homens com o meio ambiente e com o espaço têm uma dimensão psicológica e sócio-psicológica. Nascem das sensações que as pessoas

experimentam e das percepções a elas ligadas” (2001, p 39). Assim, a cultura não pode ser pensada como um elemento separado dos indivíduos. Neste sentido, como aponta Corrêa (2003, p.13), “a cultura é vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada”.

Essa reconceitualização da ‘cultura’ em geografia marcou uma nova etapa dos estudos em geografia cultural, em que o foco passa a ser a compreensão de como os indivíduos e os grupos vivem, constroem e reconstróem seus espaços, decodificando os símbolos e significados distintos que se constituem e imprimem comportamentos e ideologias. A cultura é assim entendida a partir de todo o seu dinamismo, não como algo estático e imutável, mas:

ainda se é considerada como sendo o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores, este conjunto, entretanto, é entendido como sendo parte do cotidiano e cunhado no seio das relações sociais de uma sociedade de classes. Esta redefinição de cultura coloca-a como dotada de um sentido político (CORRÊA, 2003, p.13).

Sendo assim, o que conduz o geógrafo cultural, agora, é o desejo de interpretar e decodificar os símbolos e significados que são atribuídos aos lugares pelos indivíduos que o experienciam, entendendo que os mesmos são passíveis de múltiplas interpretações. Em comunhão com Claval também indagamos:

Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem neles as mesmas vantagens e os mesmos riscos, não associam a eles os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem neles os mesmos sentimentos e a mesma afetividade? (CLAVAL, 2001, p.40).

A geografia cultural renovada trouxe novas perspectivas, a partir das quais nem o recorte temporal e nem mesmo a escala geográfica são considerados como elementos definidores para os estudos, já que o fundamental é a “análise dos significados que são ou foram atribuídos à espacialidade humana. A abordagem cultural está centrada nos significados que os diversos grupos sociais constroem relativos à espacialidade passada, do presente e mesmo do futuro.” (CORRÊA,

2007a, p.10). Na geografia cultural *saueriana*, as sociedades agrárias e o peso que a história desempenhava eram relevantes. Consideravam-se as análises sincrônicas e diacrônicas, em que se estabelecia a gênese, evolução e difusão espacial da cultura. Portanto, esses eram traços marcantes das pesquisas elaboradas pelos geógrafos *sauerianos* (CORRÊA, 2007a).

A geografia cultural renovada prioriza os *significados*. Com relação ao tempo, os estudos parecem priorizar a análise do presente ou do passado recente. E, como aponta Corrêa, quanto à escala geográfica: “A geografia cultural renovada interessa-se tanto em estudar os significados construídos em minúsculas áreas, como uma rua, um vale ou mesmo um prédio, como no estudo de um bairro, uma cidade, uma região ou mesmo um país” (CORRÊA, 2007a, p.11). Na verdade, percebe-se que os estudos e pesquisas têm apresentado uma tendência para a análise em micro escalas: a imagem de um bairro tal como seus moradores o interpretam; o espaço dos homossexuais em determinadas áreas das cidades; as trajetórias individuais e cotidianas dos trabalhadores; o significado das formas simbólicas presentes em determinado local, tal como edifícios e monumentos; as dinâmicas de apropriação dos espaços públicos por determinados grupos sociais; o significado de festas e rituais religiosos entre outros.

Devido a estas novas perspectivas de análise do espaço, os geógrafos culturais redescobrem o urbano, através de estudos que privilegiam a dimensão cultural. Porém, reconhecem que a tentativa de interpretação do espaço urbano através de uma abordagem cultural requer novos instrumentos de análise, que possibilitem a compreensão dos diferentes significados construídos pelos grupos sociais, que perpassam as relações de interação e poder existentes no interior das sociedades contemporâneas. O conceito de *gênero de vida* amplamente desenvolvido nas pesquisas em sociedades tradicionais, a partir de uma abordagem cultural, tornou-se inadequado para a análise do urbano e das sociedades complexas. Claval nos lembra que

o instrumento imaginado por Vidal de La Blache era muito sintético e muito global para apreender a estrutura mais diversificada das sociedades contemporâneas. No lugar de considerar o emprego do tempo e os deslocamentos dos indivíduos como unidades indissociáveis, por que não dividi-los em segmentos menores? É o que propõe a **análise dos papéis** (Claval, 1973, 1974, 1987). (...) O gênero de vida corresponde ao tipo de seqüências padronizadas que se evidenciam nas sociedades tradicionais

(...) No mundo urbano faz-se necessário executar estudos mais refinados: a descrição dos papéis permite isso (CLAVAL, 1999, p. 51).

Os diferentes papéis assumidos pelos indivíduos nas sociedades complexas contemporâneas refletem em diversas maneiras de organização sócio-espacial. Necessita-se, assim, de novos paradigmas de análise e pesquisa que considerem os aspectos culturais como elementos que contribuem para uma articulação diferenciada dos papéis que cada indivíduo desempenha nas sociedades urbanas. Ainda Claval complementa: “a nova geografia cultural se manifesta, quase em toda a parte da mesma maneira: os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os freqüentam” (CLAVAL, 1999, p.55). Em comunhão com este pensar, Corrêa (2006) reafirma que se tornam indispensáveis à nova geografia cultural pesquisas que coloquem em foco os *significados* experienciados individualmente com relação aos espaços. Neste sentido, “*significado* torna-se a palavra-chave, em torno da qual se desenvolvem os novos estudos de geografia cultural” (CORRÊA, 2006, p.141). Nesta mesma linha de pensamento, Cosgrove (1998) menciona a necessidade de decodificar os significados e valores das paisagens a nossa volta, o que nos permite refletir sobre nossos próprios papéis para reproduzir a cultura e a geografia humana de nosso mundo diário. Assim, os temários de pesquisas ligadas aos estudos culturais no meio urbano, em sociedades caracterizadas como complexas – na abordagem antropológica, sociedades complexas são aquelas formadas por indivíduos de distintas categorias sociais (VELHO, 1994) – se ampliam, a partir da década de 1970, também na geografia.

A Antropologia, porém, desde o início do século XX, através principalmente de estudos desenvolvidos pela Escola de Chicago, nos Estados Unidos, já apontava e priorizava o estudo do urbano por uma perspectiva cultural. Essa escola inaugurou de fato esse tipo de análise e desenvolveram novos métodos de pesquisa no meio urbano, em que priorizavam os trabalhos de campo e a observação participante. O contexto histórico no qual estava inserida a cidade de Chicago, na virada do século XIX para o XX, possibilitou o surgimento de tais reflexões.

Após a Guerra Civil Americana (1861-1865), a cidade de Chicago, localizada ao norte dos Estados Unidos, tornou-se uma cidade com um crescimento urbano muito acelerado. Na virada do século XIX para o século XX, a cidade concentrava

atividades industriais produtivas importantes, seguindo um modelo de produção Fordista, tendo na indústria automobilística seu maior reflexo. Desse modo, atraiu para dentro de seus limites migrantes de várias partes do país, principalmente grupos de diferentes etnias, europeus das mais diversas origens (poloneses, irlandeses, alemães, italianos), negros e brancos pobres sulistas. A cidade, no entanto, se apresentava caótica, marcada por este intenso processo de industrialização e de urbanização. Seu crescimento demográfico era espantoso, assim como o imenso contingente migratório, seus guetos de diferentes nacionalidades geradoras de segregação urbana, a concentração populacional excessiva e condições de vida e de infra-estrutura precárias se faziam presentes na cidade.

Chicago, então, se apresentava bastante heterogênea, com grupos muito diferenciados, não apenas em relação às etnias, mas também nas formas de organização dos bairros e guetos, que imprimiam na paisagem características culturais específicas. Isso gerou, por vezes, tensões e conflitos, além, é claro, das profundas diferenças socioeconômicas caracterizadas pela divisão social do trabalho.

É neste contexto que surge a Escola de Chicago, inicialmente com os departamentos de Antropologia e Sociologia juntos de 1892 a 1929, apresentando um quadro de pesquisadores formado por cientistas sociais preocupados com questões e problemas sociais próprios e característicos da cidade naquele momento. Sendo assim, apresentava-se como uma das questões centrais da Escola de Chicago a preocupação em conseguir construir uma democracia, inserido em um projeto nacional norte-americano, em uma sociedade marcada pela heterogeneidade, com tantas singularidades e culturalmente tão plural. Neste sentido, propôs-se uma das questões: como, neste contexto tão complexo, os diferentes grupos étnicos poderiam sustentar suas culturas e identidades? Ou ainda uma reflexão sobre os processos de “americanização” vividos por estes grupos.

Estas entre outras questões nortearam os fundadores da Escola de Chicago e os pesquisadores posteriores a eles, colocando a cidade, o meio urbano, como objeto de pesquisa, com toda sua complexidade. Como aponta Isaac Joseph (2005, p.103), Chicago se caracterizava como um aglomerado de “populações transplantadas e justapostas – origem da célebre metáfora do mosaico -, odiando-se

há séculos (poloneses e judeus, por exemplo), comprometidas uma com a outra, pelo próprio fato de sua imigração”.

Um dos mais ilustres teóricos da Escola de Chicago, Robert Park, assim que chegou à Universidade, escreveu um ensaio sobre a cidade, encarando-a como um laboratório para a investigação da vida social. O pesquisador argumentava que “hoje, o mundo inteiro vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos a cidade, poderemos compreender o que se passa no mundo” (PARK, 1967, p.31). Sendo assim, colocar a cidade como *locus* central nas pesquisas, de fato foi uma importante contribuição da Escola de Chicago. Park (1967) definia a cidade como “um estado de espírito”, um conjunto de áreas culturais, expressão de uma concepção de mundo que tem a mobilidade individual como valor fundamental e a impessoalidade nas relações como característica. Neste sentido, juntas, mobilidade e impessoalidade, fariam da cidade um local onde “todos os tipos de gente, que jamais se compreendem totalmente, se encontrem e se misturem” (PARK, 1967, p. 32). Não se trata de integração, mas de livre circulação entre os territórios e os mundos. Não se trata de assimilação das culturas, mas de sua porosidade. Essa idéia foi central para a sociologia da cidade tal como foi concebida por Park.

Desse modo, a Antropologia Cultural levanta questões relativas às diferenças étnicas, à manutenção das identidades culturais dos diferentes grupos de imigrantes que viviam em Chicago, e principalmente encara a cidade como um frutífero laboratório. Isso acaba por conduzir métodos de leitura e investigação da vida social na cidade. Na Inglaterra, os antropólogos iniciaram a aproximação entre o urbano e a cultura também após o intenso movimento de migrantes, principalmente, após a década de 1960. As suas ex-colônias – indianos, himalaicos, árabes, africanos – passaram a constituir verdadeiros ‘guetos’ étnicos nas cidades inglesas, que contrastavam com o modo de vida britânico. Os pesquisadores começaram, então, a entender que o espaço urbano não poderia mais ser inteligível somente através da cultura branca e britânica. Eles entenderam que o estudo do urbano deveria contemplar esta diversidade cultural evidente nas metrópoles, agora, caracterizadas como multiculturais, buscando, portanto, compreender as inter-relações humanas na sede do Império, não mais nas colônias.

A Geografia, por sua vez, parece ter seguido caminhos distintos. Durante praticamente todo o século XX, os estudos do urbano na geografia priorizavam a

compreensão da sociedade por meio de abordagens políticas, econômicas, sociais, mas sem destacar ou buscar decodificar no espaço urbano os aspectos relacionados à cultura. Os geógrafos positivistas não estavam preocupados com a questão cultural, mas sim, com as interações espaciais e padrões de organização do espaço. Criticavam a geografia cultural, destacando que não havia modelos, padrões e teorias. Não possuía, portanto, leis objetivas para a compreensão do espaço. Como confirma Corrêa, “a geografia urbana, quando vinculada a uma visão positivista, analisava as formas e funções, consideradas, sobretudo, de um ponto de vista morfológico e funcional, numa perspectiva econômico-espacial.”(CORRÊA, 2003, p.167).

Já os geógrafos urbanos marxistas viam a cultura como um resíduo dentro de uma superestrutura, em que o fator econômico era determinante. A preocupação dos geógrafos urbanos marxistas centrava-se no entendimento dos conflitos entre as diferentes classes sociais, pautados no fator econômico, que se refletia na organização dos espaços urbanos. A cultura era, portanto, entendida como um elemento subordinado ao fator econômico. De fato, somente a partir de meados da década de 1970, “a dimensão cultural do urbano passou a ser percebida, valorizada e problematizada pelos geógrafos. As transformações em curso na sociedade, que se torna mais urbana e multicultural, suscitam inúmeras pesquisas” (CORRÊA, 2003, p.168).

Assim, na Inglaterra, na década de 1970, o Centro de Estudos da Cultura Contemporânea, liderado por um jamaicano negro, Stuart Hall, trabalhando com a área de Humanidades – literatura, artes, teatro, entre outras – constitui o chamado grupo de Birghman. Neste centro de estudos, iniciam-se pesquisas sobre cultura popular na Inglaterra. Associa-se ao centro de Birghman, Raymond Williams, e posteriormente, Denis Cosgrove e outros pesquisadores que iniciam um amplo debate sobre o urbano e sua dimensão cultural na geografia. Este grupo passou a definir a cultura como uma *teia de significados*, rompendo então, com o conceito de cultura como determinante ou determinada. A cultura passa, portanto, a ser entendida como reflexo das relações entre os grupos sociais. A superfície terrestre é coberta por *mapas de significado* (Jackson,1989 *apud* Corrêa 2007). A realidade, neste sentido, é negociada entre os diferentes grupos sociais, que através de seus campos de possibilidades elaboram seus *mapas de significados*. Corrêa (2007), ao abordar o assunto, corrobora o pensamento de Cosgrove:

A espacialidade da cultura permite que a expressão 'mapas de significado' não seja apenas uma metáfora, sendo possível elaborar mapas de significado que ampliem o escopo da cartografia geográfica. Os mapas não se limitam às representações com base em dados estatísticos, mas podem incluir também representações gráficas de tudo aquilo que é 'lembrado, imaginado e contemplado (...) material ou imaterial, real ou desejado, do todo ou da parte (...) vivenciado ou projetado' (CORRÊA, 2007a, p.6).

A literatura pesquisada assinala a produção de importantes textos por geógrafos marxistas, como se exemplifica com Harvey (1979), Peet (1996) e Mitchell (1999 e 2000). Os novos estudos em geografia cultural buscam a compreensão das práticas culturais nos grupos sociais que tornam o mundo inteligível para eles, a lógica interna de cada grupo deve ser analisada. Esta lógica tem um sentido prático: não se busca uma explicação positivista de causa e efeito, mas sim compreender os significados dados pelos indivíduos que configuram os diferentes grupos para a construção dos espaços. Assim, compartilhamos com Smith (2002, p.97) a idéia de que "o alvo da pesquisa na geografia cultural é jogar a luz nos valores e comportamentos partilhados pelas preocupações dos geógrafos com o espaço, lugar e meio ambiente".¹

O espaço urbano, portanto, passa a ser priorizado na abordagem cultural como um rico laboratório para a interpretação das sociedades complexas contemporâneas. Novos conceitos, noções e métodos de pesquisa começam a surgir, assim como alguns conceitos da Geografia passam por reinterpretações e se destacam nas análises, buscando adequar-se a este novo olhar. O conceito de paisagem, por exemplo, é revisitado por estes novos olhares. Cosgrove (1998) nos traz suas reflexões sobre o reconhecimento da paisagem como imbuída de significados simbólicos, que são produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem. Por isso, "revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira autoconsciente e, então, *re-presentar* essa paisagem num nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos" (COSGROVE, 1998, p.103). Assim, sugere a análise da paisagem considerando duas perspectivas distintas, que ele classifica como *paisagens da cultura dominante* e *paisagens alternativas*. Estas ainda podendo se subdividir em três tipos: as paisagens residuais, as emergentes e a dos excluídos. A

¹ "The aim of research in cultural geography is to shed light on shared values and behaviours relating to the geographer's concerns of space, place and environment."

proposta do geógrafo Cosgrove coincide com a de outros autores, como Augustin Berque, que propõe a análise da paisagem como “*marca*, pois expressa uma civilização, mas é também uma *matriz* porque participa dos esquemas de produção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura” (BERQUE, 1998, p.84). Isso nos faz refletir sobre o papel da geografia cultural na decodificação das paisagens que não se exprimem apenas naquilo que os olhos vêem. Portanto, outros sentidos devem estar sensíveis para perceber as relações que se constroem entre os indivíduos e as paisagens, buscando compreender como elas, enquanto marcas e matrizes, interferem nos grupos humanos e, ao mesmo tempo, como cada grupo interpreta essas paisagens.

Outros geógrafos têm contribuído com a proposição de novos métodos para a análise da paisagem através de uma abordagem cultural. James Duncan (2004) propõe a reinterpretação das paisagens como texto, em que ele sugere que as paisagens urbanas devem ser lidas considerando a multiplicidade de interpretações possíveis. Essas novas perspectivas de estudo perpassam a idéia da construção de etnografias do urbano, em que se consideram as experiências espaciais dos diferentes grupos sociais como elementos importantes para a decodificação das paisagens. Duncan expressa seu pensamento assim:

A perspectiva das pessoas do local fornece importante matéria-prima, a partir da qual a interpretação hermenêutica é modelada. A tarefa do geógrafo cultural é mostrar como os relatos locais são constituídos dentro de um sistema de significação, conectados a outros elementos dentro do sistema cultural produzido dentro de uma ordem social (DUNCAN, 2004, p. 108).

Em seu texto “*A Paisagem como sistema de criação de signos*”, Duncan (2004) propõe uma abordagem da interpretação da paisagem que abandona a tradicional geografia cultural norte-americana, em três direções. Primeiramente, enfatiza o papel que a paisagem desempenha nos processos sociais e culturais. Em segundo lugar, por causa dessa preocupação com o processo, estabelece-se um diálogo com os pesquisadores de outros campos das ciências sociais e das humanidades em que se estuda o papel dos objetos nos processos sociais e culturais. Em terceiro lugar, as questões mais gerais da não-neutralidade teórica e do círculo hermenêutico, como o papel do conhecimento social do senso comum na

explicação científica social e o estatuto dos dados, tornam-se questões importantes na interpretação das paisagens.

O geógrafo Donald Meinig (2002), em suas reflexões, reafirma que o estudo da paisagem, em uma perspectiva cultural, deve considerar os diversos significados atribuídos a mesma pelos diferentes grupos sociais. O autor argumenta que devemos estar atentos à linguagem coloquial daqueles que narram o que vêem na paisagem, porque estas descrições estão, sim, por demais repletas de subjetividades. Por isso, ele ressalta que “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes” (MEINIG, 2002, p.35).

Para o desenvolvimento desta concepção do espaço, a partir de experiências particulares, buscamos interpretá-lo através dos sentidos e significados que são dados pelas pessoas que o vivenciam cotidianamente. Assim como Duncan (2004) propõe a interpretação das paisagens como um texto, o espaço experienciado também dialoga com a linguagem, visto que as pessoas narram, contam suas experiências espaciais. Desta maneira, o espaço, também pode ser considerado como um texto, como um conjunto de símbolos. Seguindo os caminhos de Duncan, propomos o estudo do espaço experienciado como um texto, visto que o conceito de paisagem na geografia parece ainda estar muito ligado àquilo que é visível. O geógrafo Cosgrove (1998, p.28) reflete que, “a paisagem, de fato, é uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual”. Duncan (2004, p.100) apresenta também questionamentos neste sentido: “o que faremos com essa ordem visível? Necessita o privilégio da visão ser central na prática da geografia cultural?”. O próprio autor, em suas reflexões, nos lembra que não,

exatamente que para compreendermos a natureza relacional do mundo precisamos ‘completá-lo’ com muito do que é invisível, para ler os subtextos que estão por baixo do texto visível. O significado desses textos e subtextos muda com o tempo e com a mudança de perspectiva do intérprete (DUNCAN, 2004, p.10).

Portanto, compreender a lógica de significação de uma dada paisagem requer a atenção, por parte do geógrafo, ao sistema cultural onde tal paisagem foi

produzida e dentro de que ordem social a mesma se reproduz. Estas são apenas algumas das novas possibilidades que vêm se desenvolvendo no âmbito da Geografia Cultural, buscando uma aproximação entre o urbano e a cultura e a aplicação de novos métodos de pesquisa. Assim, os estudos que buscam estabelecer uma interface entre o urbano e a cultura se afirmam mais sistematicamente na Academia.

A geografia cultural renovada redescobre o urbano como um rico campo de pesquisas, que através do uso de novas metodologias vem tentando decodificar os significados dos espaços para os diferentes grupos humanos. Comunga-se com as idéias da geógrafa Kathrin Wildner, que define a cidade como:

uma estrutura física e material que marca a percepção espacial e a ação social dos atores. Simultaneamente, a cidade se modela através das pessoas e suas distintas formas de apropriação. A cidade é, portanto, um campo de negociações e de discursos em que coincidem estruturas de poder (globais) com práticas cotidianas locais (WILDNER, 2005, p.18)².

Considera-se, neste estudo, que a cidade se apresenta com uma forte diversidade cultural, onde os espaços urbanos construídos e vividos podem ser decodificados, revelando não meros reflexos de políticas urbanísticas, mas suportes de tradições e biografias de seus habitantes, de cujas narrativas expressam uma linguagem coletiva que comunica uma pluralidade de identidades e memórias. E como tal, deve ser decodificada, a partir dos diferentes significados atribuídos pelas pessoas às *formas simbólicas* constituídas em diferentes temporalidades no meio urbano. No entanto, compreendemos não ser possível fazer um estudo etnográfico detalhado da Cidade como um todo, por isso, nesta pesquisa, considera-se a praça denominada Largo da Carioca como elemento para o estudo do urbano através de uma abordagem geocultural, em que os diferentes olhares e relações entre as formas simbólicas materiais e as práticas sociais cotidianas se materializam.

Compartilha-se das idéias de Scott (2000, p.12) que entende a cidade “como um denso aglomerado de vida social, lugares que surgem da necessidade de um

² “Uma estructura física y material que marca la percepción espacial y la acción social de los actores. Simultaneamente, la ciudad se modela a través de las personas y sus distintas formas de apropiación. La ciudad es, por tanto, un campo de negociación y de discursos em que coinciden estructuras de poder (globales) com prácticas cotidianas locales.”

enorme número de indivíduos se juntarem com certos tipos de atividades interdependentes”³. Identifica-se o Largo da Carioca como a representação: “representação não é só re-apresentar novamente, mas é também chamar a atenção, para alguma ‘coisa’ ou ponto de vista de maneira privilegiada”⁴ (SMITH, 2002, p.97) de um local marcado por uma embaraçada teia de relações humanas e trocas simbólicas. É exatamente esta teia de relações que faz parte fundamental de nossa pesquisa.

O Largo da Carioca localiza-se no centro da Cidade do Rio de Janeiro, apresenta-se como uma área de convergência e irradiação de várias ruas importantes, onde se concentram diversas atividades de serviços e comércio. Estabelece uma divisão na área central da Cidade, visto que ‘separa’ uma parte em que se concentram atividades consideradas mais modernas e nobres, tais como agências bancárias, edifícios pós-modernos envidraçados, butiques que se localizam ao lado da Av. Rio Branco. Estas *formas simbólicas* caracterizam um espaço na Cidade percebido como moderno, verdadeiro centro da economia cultural contemporânea, influenciado pelo capitalismo global. Ultrapassando os limites do Largo, ou seja, os limites do próprio morro de Santo Antônio, seguindo pela tradicional rua da Carioca, encontramos um tipo de comércio mais popular, edifícios baixos e antigos sobrados, representado por *formas simbólicas* pretéritas que permanecem na paisagem exercendo novas funções ligadas a um comércio voltado para o público de menor poder aquisitivo.

O Largo da Carioca foi dividido em nove pontos de observação que se constituem como *microcosmos*. A noção de *microcosmos* foi construída a partir de reflexões acerca das relações de interação e poder que se apresentam no espaço. Comungando com as idéias de Mircea Eliade (s/d), Bonnemaïson ([1981], 2002) e Corrêa (2007), podem-se estudar as relações que se estabelecem entre os sujeitos/atores e as formas simbólicas presentes no local. Como sugere Corrêa (2007b, p.5), as formas simbólicas “são representações por meio das quais significados a respeito das diversas esferas da vida são criados e comunicados”.

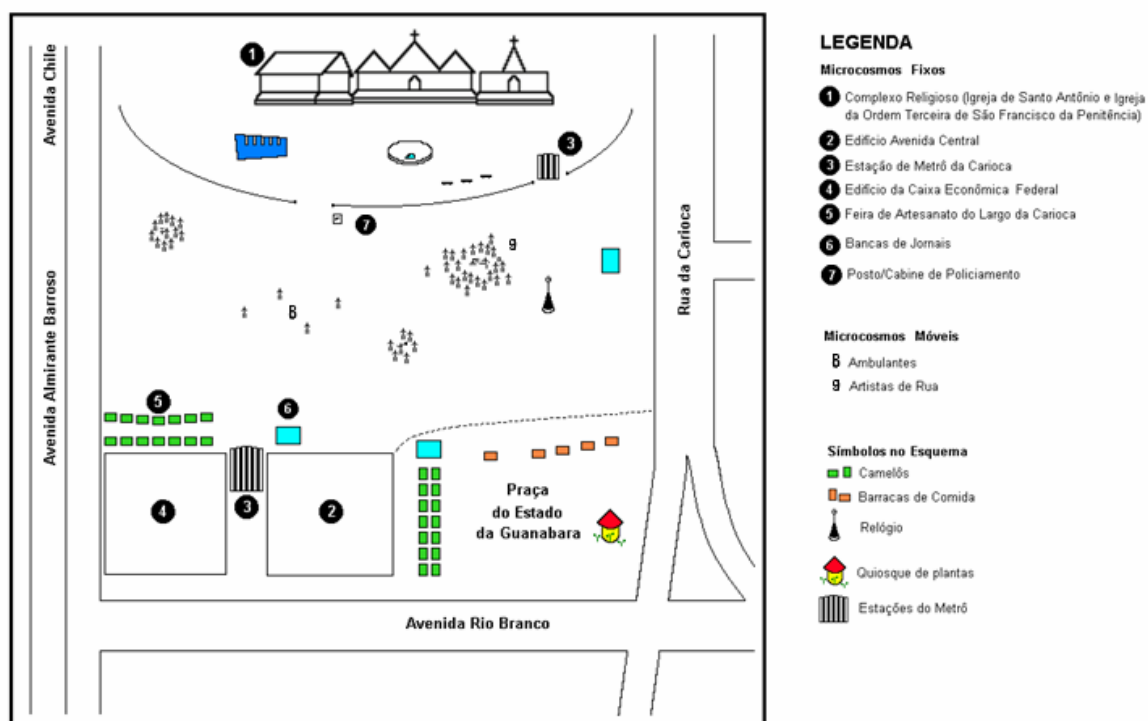
³ “(...) cities represent dense agglomerations of social life. They are places that emerge out of a need for proximity when large numbers of individuals are caught up certain kinds of mutually interdependent activities.

⁴ “Representation is not just a matter of presenting again (re-presentantation), it is also about putting a particular view forward in a privileged fashion.”

Desse modo, entende-se que as formas simbólicas constituem elementos importantes para a interpretação dos *microcosmos*, que definimos como:

formas espaciais, onde grupos sociais se organizam em duas vertentes, uma formal e legal, reconhecida pelo poder público, que são os *microcosmos fixos*, que possuem suas regras e normas, reconhecidas e respeitadas pela sociedade, e outra informal e ilegal, não reconhecida pelo poder público excluída, mas que, porém, apesar das dificuldades, também apresenta uma organização interna, normas de conduta e regras a serem seguidas por todos aqueles que se utilizam do espaço público para sobreviver, que são os *microcosmos móveis* (MARCIAL, 2001, p.35).

Figura 1 - Largo da Carioca e seus Microcosmos – 2008



Elaborado por MARCIAL, A. P. (2008)

Confecção TERRA, A. C. L. (2008)

Portanto, a análise do urbano exige o estudo desta relação dialética entre a construção material, *formas simbólicas*, as práticas sociais e a representação discursiva dos atores que vivem a cidade em seu cotidiano. Considera-se, neste estudo, uma porção da Cidade, o Largo da Carioca.

Assim, em comunhão com Corrêa, entende-se que:

as formas simbólicas tornam-se formas simbólicas espaciais quando espacialmente fixas na paisagem, como templos, palácios, cemitérios, estátuas, shopping centers e parques temáticos, ou perfazendo itinerários como paradas, marchas e procissões. (CORRÊA, 2007b,p.5)

Neste sentido, deve-se interpretar, como sugere Corrêa (2007b), o sentido político locacional das formas simbólicas e a polivocalidade em torno dos significados que a elas se atribui, considerando-as como parte integrante desses *microcosmos*. Sendo assim, pode destacar que a idéia de “cosmos” se refere à identificação de um espaço múltiplo e plural, onde diferentes estilos de vida e visões de mundo se encontram. Além disso, podemos identificar uma forte relação de pertencimento, principalmente, daqueles que ali trabalham, mas, sobretudo, daqueles que passam e/ou freqüentam o local, organizando-se em *cosmos* – “território habitado e organizado, portanto <cosmizado>” (ELÍADE, s/ data) – impondo uma ordem visivelmente percebida no local.

Em comunhão com Smith (2002), estamos conscientes de que a pesquisa traduz a maneira como se define a área e o objeto de estudo, a postura ideológica de cada um e a maneira como se relaciona com o assunto, tudo contribui com o estilo da pesquisa. Significa dizer que não existe um ‘manual de receitas’ eficaz para os estudos etnográficos urbanos, mas a metodologia a seguir propõe um caminho de reflexão.

1.1 Camadas de densidade simbólica no Largo da Carioca e o significado do espaço a partir do olhar do outro: a metodologia.

Os métodos utilizados nesta dissertação dividem-se em duas etapas, a saber:

(a) a realização de uma análise histórica, considerando as formas simbólicas materiais e imateriais presentes no local, como as práticas culturais, principalmente aquelas que se referem ao uso e apropriação do espaço público por diferentes

grupos sociais. Para esta etapa delimitamos quatro temporalidades distintas que serão priorizadas nesta análise: a) Espaço do Brasil colonial no centro da Cidade do RJ; b) A água chegou.... o comércio se especializa; c) A reforma “BOTA-ABAIXO”; d) Do bonde ao metrô: os transportes ratificando a centralidade.

As temporalidades selecionadas para esta análise justificam-se por criarem níveis simbólicos específicos que podem ser interpretados como camadas de densidade simbólica (MANDOKI, 2003) que foram sendo construídas, arranjadas e re-arranjadas ao longo do tempo. Propõe-se uma análise da sobreposição e/ou justaposição destas camadas ou níveis de significados que configuram o espaço denominado Largo da Carioca.

Pretende-se, com a identificação destas camadas de densidade simbólica, elaborar uma reconstrução histórica, considerando as formas simbólicas pretéritas que permanecem na paisagem, assim como os diferentes usos dados ao espaço do Largo da Carioca, ao longo dos séculos, e que ainda hoje permanecem como práticas culturais na praça. Reafirma-se que o espaço pode sofrer ações políticas diversas que modificam as formas simbólicas materializadas, mas não o esvaziam de seu conteúdo simbólico. Espaço e tempo estão ligados e apresentam-se como construções repletas de significados que podem ou não fazer parte de uma memória coletiva. Comunga-se com Mandoki (2003, p.86) que afirma que o uso simbólico do espaço estabelece um sistemático sentido de lugar: “temos então, a conjunção de significados práticos, políticos, históricos e religiosos todos implodindo na direção de um só lugar”⁵. O caráter das transformações políticas, urbanísticas, entre outras se sucedeu no tempo, mas algumas formas simbólicas espaciais e práticas culturais permanecem imutáveis. São estas *camadas de significado* que propomos decodificar no segundo capítulo desta dissertação.

(b) - realização de entrevistas qualitativas.

Nesta etapa, o método de aplicação de entrevistas qualitativas foi fundamental para a compreensão e interpretação do sentido de lugar para os

⁵ “ We have the conjunction of practical, political, historical, and religious meanings all imploding continuously towards a single place.”

diferentes grupos sociais presentes no Largo da Carioca. Esta etapa constituiu-se de dois momentos distintos.

Em um primeiro momento, a partir das narrativas construídas pelos sujeitos/atores, descortina-se um quadro heterogêneo de percepções e olhares sobre o lugar. Decodificar esta heterotopia requer o uso de uma metodologia pouco usual na ciência geográfica. Esta pesquisa consistiu na aplicação de 65 entrevistas qualitativas (anexo) abertas no Largo da Carioca. É imprescindível, antes de tudo, não confundir esta análise, apesar das aparências, com uma análise clássica quantitativa. Não se pensa sondar a opinião dos entrevistados, neste estudo, considerando-os divididos por critérios identitários clássicos, tais como, idade, gênero, classe social. Não estabelecemos nenhum critério rígido para a obtenção dos relatos, consideramos apenas como relevante a permanência destes sujeitos/atores no local, cotidianamente. Em comunhão com Smith (2002, p.96) acreditamos que as “entrevistas são ótimas para revelar técnicas de contar histórias, como relatos são feitos sobre experiências e observação”⁶. sendo assim, são boas para deixar as pessoas mostrarem os valores da comunidade. Para tanto, utilizamos duas perguntas: (1) “Há quanto tempo trabalha no local?”; (2) “O que mais chama sua atenção no Largo da Carioca?”

O primeiro questionamento nos possibilitou refletir sobre a existência, no local, de uma relativa fluidez ou permanência, possibilitando, assim, a construção ou não de identidades com relação ao uso do espaço.

O outro questionamento, que nos orientou na decodificação da premissa de que o Largo da Carioca é um local marcado por uma forte heterotopia, auxilia também no estabelecimento de um conjunto de diferentes mapas mentais que se apresentam como uma verdadeira cartografia cognitiva repleta de significados, os quais nos propomos decodificar.

Aplicar uma interpretação metodológica, a partir dos diferentes olhares, e não pura e simplesmente o olhar do pesquisador sobre o espaço, parece ser nesta pesquisa um dos desafios. As narrativas apresentadas pelos entrevistados sobre sua percepção em relação ao local e, até mesmo, quando não conseguimos obter, da maneira como esperávamos, as respostas solicitadas, nos fizeram refletir sobre

⁶ “ Interview are also useful for revealing story-telling techniques, how accounts are made out of experiences and observations.”

como e o quanto a dimensão espacial interfere sobremaneira nos comportamentos e nas ações humanas. Assim, em acordo com as idéias de Lindón, Hiernaux e Aguilar (2006, p. 10) “a experiência e a prática humana, em consequência a vida social em todas as suas expressões, necessariamente leva consigo um componente espacial: o fazer do ser humano, em qualquer de suas formas, quase sempre está espacializado”⁷. Pode-se afirmar que o ser humano é um ser espacial, constrói suas vivências e experiências a partir do uso e das relações que estabelece em seu cotidiano com o espaço. Sendo assim, nosso foco de interesse é a concepção do espaço como vivido e experienciado, considerando o ponto de vista dos sujeitos, e relacionando tais olhares com a construção subjetiva de um imaginário urbano.

O segundo momento importante e complementar, no uso de tal metodologia, refere-se à própria análise dos relatos feitos pelos alunos-entrevistadores, que contribuíram para a aplicação de tais entrevistas. Os diferentes microcosmos fixos e móveis onde foram aplicadas as entrevistas comprovaram, como mencionado anteriormente, que os comportamentos humanos estão, sim, sobremaneira, relacionados à dimensão espacial. Compartilha-se das idéias de Smith (2002, p.97): “Se acreditamos que o significado é construído pelas pessoas interagindo umas com as outras, a observação participativa se mostra como método, já que o pesquisador fará parte do trabalho de construção destes olhares”.⁸

Assim, formamos grupos de alunos com três a quatro integrantes em cada grupo. No retorno da aplicação de tais entrevistas verifica-se, nos relatos dos alunos, a diversidade nos comportamentos e usos do espaço, que será apresentado com detalhes no **Capítulo III** desta dissertação.

Entende-se que a metodologia não compreende apenas práticas e técnicas, mas sim a maneira de combiná-las, buscando alcançar os objetivos propostos. Em outros campos do conhecimento, quando se adota um tipo de teoria, alguns métodos aparecem naturalmente e outros se mostram inadequados, por razões práticas e teóricas. Porém, quando se propõe uma análise que procura combinar diferentes metodologias, caminha-se para um repensar da própria prática de pesquisa em geografia.

⁷ “La experiencia y la práctica humana, y en consecuencia la vida social en todas sus expresiones, necesariamente lleva consigo un componente espacial: el hacer del ser humano, en cualquiera de sus formas, casi siempre está espacializado.”

⁸ “If one believes that meaning is constructed by people interacting with each other, participant observation will beckon as a method since the researcher will be including the construction work”.

O espaço que abrange o Largo da Carioca, parte da área central da Cidade do Rio de Janeiro, será assim, analisado, interpretado, decodificado, a partir, de diferentes caminhos teóricos e metodológicos, em que os conceitos de espaço e paisagem estão em evidência.

2. FORMAS SÓCIO-ESPACIAIS NA CONSTRUÇÃO DAS CAMADAS DE DENSIDADE SIMBÓLICA NO LARGO DA CARIOCA.

*A visão do espaço-tempo como curvado e irregular, pode ser nova para a ciência, mas não para o conhecido público. Desde o começo dos tempos, o imaginário social, reconheceu o espaço com texturas e curvas, tanto físicas como simbólicas, nunca como recipiente vazio. Certos locais particulares tem sido experimentados, e estão carregados de valores emocionais, de fatos históricos, ou paranormais.
Kátia Mandoki.*

O conceito de *espaço* apresenta-se como um grande desafio para a Geografia. Outras áreas do conhecimento – astronomia, sociologia, economia, psicologia, antropologia, entre outras – utilizam-se da palavra *espaço* para desenvolver suas pesquisas e teses. Neste sentido, a noção de *espaço* toma diferentes significados: espaço sideral, espaço econômico, espaço individual, espaço social entre outros.

Entretanto, para a Geografia, tal conceito já atravessou as diversas correntes do pensamento geográfico, passando por diferentes interpretações e tomando maior importância em uma ou outra escola. Adotamos, aqui, as reflexões propostas pelo geógrafo Milton Santos, em sua obra *Por uma Geografia Nova*, que a partir da década de 1970, imbuído das reflexões propostas pela corrente da Geografia Crítica, propõe uma análise do espaço humano ou social. Como está citado nas reflexões de Corrêa: “o espaço é concebido como *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade” (1995. p.26). Sendo Assim, considera-se o *espaço social* resultado do complexo processo de existência da própria reprodução social. Ainda o pensamento de Corrêa define a organização espacial como “expressão que equivale à estrutura territorial, configuração espacial, arranjo espacial, espaço socialmente produzido ou simplesmente espaço” (1995, p.28). Em sua análise, a organização espacial “é o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra, sendo uma materialidade social.” (1995, p.28)

Dessa maneira, é necessário compreender a complexidade do conceito e entender que o *espaço* se apresenta como um produto histórico. Complementando essa idéia, Santos *apud* Corrêa (1995) afirma que “os modos de produção tornam-se concretos numa base territorial historicamente determinada (...); as formas espaciais constituem uma linguagem dos modos de produção”. Do mesmo modo, a origem, o funcionamento e a evolução do *espaço* interessam à Geografia tal como nas últimas décadas, a partir de uma visão que valoriza a dimensão cultural desse conceito, podemos dizer que as diferentes *experiências espaciais* também passaram a interessar à Geografia.

Assim, considerando-se as reflexões propostas pelos geógrafos durante a década de 1970, ainda nesse mesmo período, surge a Geografia Humanista e, na década seguinte, retoma-se a Geografia Cultural que passam a propor uma análise diferenciada do espaço geográfico.

A geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real (CORRÊA, 1995, p.30).

As diferentes escolas ou correntes do pensamento geográfico deram contribuições diferenciadas para a definição do *espaço*. Ainda nos dias de hoje, é premente a necessidade de repensar esse conceito. O estudo cobre uma variedade tão ampla de objetos e significações – os utensílios comuns à vida doméstica qualquer que seja sua dimensão são *espaço*, uma casa é *espaço*, uma praça, assim como uma cidade também são *espaços*. Neste sentido, decodificar de fato o espaço geográfico é uma tarefa bastante complexa, porque a sua tendência é mudar com o processo histórico. Assim, seguindo os passos do geógrafo Milton Santos, devemos compreender o espaço como “a morada do Homem, o seu lugar de vida e trabalho e como tal apresenta uma enorme multiplicidade de formas e conteúdos que devem ser interpretados pela Geografia.” (1986, p.120). Interessa-nos, para esta pesquisa, o sentido de *espaço* humano ou o *espaço* sócio-cultural, que contém ou é contido por todos esses múltiplos *espaços*.

Portanto, o espaço deve ser compreendido como uma instância da sociedade, resultado de um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas, que se apresentam como testemunho de uma história escrita, por processos do passado e do presente. Inspirado na concepção de espaço social proposta por Lefébvre (1974) o geógrafo Milton Santos (1986) propõe as categorias de análise – Forma, Função, Processo e Estrutura – em que é possível compreender o espaço como um método de leitura das relações sociais materializadas. Não simplesmente como um local onde objetos e elementos estão dispostos, originando uma organização espacial a ser descrita e interpretada. As categorias de análise do espaço possibilitam um entendimento da complexidade das relações sociais, estabelecendo uma noção histórica de constituição dos diferentes espaços. Porém, essa análise através das categorias Forma e Função deve também considerar que tais formas são sempre carregadas de forte simbolismo. Simbolismo esse que, na maioria das vezes, é manipulado por determinados grupos, com a intenção de transmitir e reforçar tais símbolos no imaginário da própria sociedade. Não cabe, neste momento, aprofundar as diferentes abordagens de espaço que a literatura geográfica possui. Entendemos que os assentamentos humanos são determinados por considerações econômicas e práticas, como recursos materiais: disponibilidade de água, terras férteis e política como: posição estratégica para defesa, melhor visão dos arredores, mas também com camadas acumuladas e enriquecidas de significados, através dos tempos. Aceitamos para efeito de pesquisa nesta dissertação as idéias de Kátia Mandoki (2003) de que “um lugar não é espaço puro, nem o oposto do tempo”⁹. E define as *camadas de densidade simbólica* como:

Espaços modelados fisicamente por elementos geográficos e arquiteturais, mas também configurados pelo imaginário social em organizações simbólicas bem complexas. Operando como campos gravitacionais, esses lugares simbolicamente densos atraem para si mais camadas de significados, tecendo o seu entorno (MANDOKI, 2003, p.75)¹⁰.

O geógrafo Maurício Abreu, em seu célebre estudo intitulado “*A evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro*”, comungando com as idéias e reflexões

⁹ “A place then, is not, pure space nor the opposite of time”

¹⁰ “Space is not only physically shaped by geographical and architectural elements but it is also symbolically configured by social imaginaries into quite complex symbolic organizations. Operating as strong gravitational fields, these symbolically dense places tend to draw towards them further layers of meaning by warping its surroundings

propostas por Milton Santos, sugere que “a cidade pode ser vista como uma coleção de formas geográficas, que podem ser analisadas em termos de forma-aparência e forma-conteúdo”. Ele define as formas-aparência como “uma acumulação de tempo, e sua compreensão, desse ponto de vista, depende do conhecimento dos diversos momentos de organização social pelos quais passou um determinado espaço”. Reflete ainda que o espaço é o “resultado das características de organização de uma sociedade, onde a ordem espacial de uma cidade, ou seja, sua estrutura urbana refletirá o confronto dos sistemas que constituem a sociedade.” Citando Castells, ele conclui “o espaço não é independente da estrutura social; é isto sim, a expressão concreta de cada fase histórica na qual uma sociedade se especifica” (ABREU,1997,p.30 -31)

Baseados neste pensar pode-se compreender que o espaço é o resultado do acúmulo de ações humanas, ao longo do tempo. Ações estas, que irão definir quais os elementos que permanecerão na paisagem e quais aqueles que serão extintos. Estas escolhas, muitas vezes passam a margem do conhecimento da maioria dos habitantes que experenciam o espaço, porém, parece que há locais que, mesmo tendo suas formas destruídas, ou mesmo substituídas ao longo do tempo, mantêm características peculiares que remetem a tempos passados. Desta maneira, em comunhão com as idéias de Mandoki (2003) referimo-nos a uma visão do espaço como um organismo, desenvolvendo-se no tempo e não como infinito e vazio.

Ao privilegiar geógrafos atuais seguimos para a análise do *espaço*, objeto deste estudo a partir de uma abordagem cultural onde se propõe interpretar as *camadas de significado* que foram acumulando-se ao longo do tempo no Largo da Carioca.

2.1 A cidade e o Largo: camadas de densidade simbólica na Cidade do Rio de Janeiro.

A Cidade e o Largo da Carioca representam espaços que se constituíram a partir de práticas sócio-culturais, em que os grupos humanos ao longo do tempo construíram e sedimentaram diferentes camadas de densidade simbólica. Apesar de muitas mudanças sofridas na paisagem e formas do Largo, ele ainda guarda marcas deixadas ao longo de sua constituição, enquanto um local de forte centralidade na

Cidade do Rio de Janeiro. A história do Largo da Carioca está relacionada à própria expansão e constituição do espaço urbano carioca.

A Cidade do Rio de Janeiro, a partir de sua fundação em 1565, apresentava seus primeiros núcleos populacionais na faixa litorânea, que ao longo dos séculos foram adentrando. O núcleo populacional da Cidade, da primeira metade do séc. XVII até meados do séc. XVIII, concentrava-se entre os morros do Castelo e Santo Antônio de um lado e São Bento e da Conceição do outro.

Segundo o pesquisador Nireu Cavalcanti (2006), durante o século XVII, a Cidade do Rio de Janeiro já havia extrapolado a muralha do morro do Castelo e se espreado pela várzea, ocupando as áreas secas existentes entre as lagoas, charcos, manguezais e riachos que cortavam o território da planície entre os morros do Castelo ocupados pelos jesuítas, que construíram ermidas, como a de Nossa Senhora do Desterro, no atual morro de Santa Teresa, e Nossa Senhora da Conceição e pelas importantes ordens religiosas dos Beneditinos e dos Franciscanos. Para ligação da sede dos jesuítas com sua igreja e colégio e a Sé de São Sebastião, no alto do morro do Castelo, a esses importantes núcleos religiosos, surgiram caminhos que se transformaram em ruas.

No início do século XVIII, a Cidade do Rio de Janeiro assumiu relevância econômica e política, e tornou-se ponto estratégico e núcleo militar de defesa da vasta região do governo Sul (CAVALCANTI, 2006, p.7). Toda a produção agropastoril, pau-brasil e madeira em geral eram exportados pelo porto do Rio de Janeiro sob o controle do governo da capitania desta Cidade e severa proteção de naus de guerra. Também era do porto do Rio que seguiam o ouro e pedras preciosas originárias dos impostos à Coroa (CAVALCANTI, 2006, p.8).

Evidentemente, essa centralidade explica a pujança da Cidade do Rio de Janeiro que, a passos largos, passava a concorrer com a cidade de Salvador, nessa época, capital do Brasil. Com a evolução das atividades econômicas e o crescimento demográfico ao longo dos séculos XVIII e XIX, os limites da Cidade foram se estendendo para o interior. A paisagem urbana foi sendo constituída no Rio de Janeiro a partir das diferentes funções que a Cidade foi adquirindo. A evolução da metrópole carioca ocorreu sobre um sítio natural bastante específico e de certa forma limitador. Como aponta Bernardes (1992, p.42): “do núcleo primitivo no morro do Castelo, de que praticamente não restam vestígios na paisagem atual, a cidade se derramou pela planície arduamente conquistada por aterros e obras de

drenagem”. A expansão das funções do aglomerado correspondeu a cada uma das fases do crescimento da área urbana. Como aponta Bernardes: “a topografia quase sempre dificultou ou orientou a ampliação do espaço urbano, refletindo-se essa luta na estrutura atual da cidade.” (1992, p. 42).

Os problemas relacionados à ocupação do sítio urbano foram sendo superados pelo próprio crescimento econômico e populacional da Cidade. A transferência da sede do vice-reinado da cidade de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763, transformando-a de sede de capitania em capital do Brasil consagrou definitivamente a urbe carioca como centro político, cultural e econômico da América portuguesa. Esse *status* de capital do país modificou pouco a pouco a urbe. Porém, foi somente no século XIX, que a Cidade começou a alterar radicalmente a sua forma urbana, como aponta Abreu:

No decorrer do século XIX assiste-se a modificações substanciais tanto na aparência como no conteúdo da cidade. A vinda da família real impõe ao Rio uma classe social até então inexistente. Este novo fato acarretou uma demanda por investimentos materiais na cidade, ampliando o desempenho das atividades econômicas, políticas e ideológicas que a cidade passa a exercer (1997, p. 35).

Historiadores, geógrafos e outros cientistas sociais contribuíram para o entendimento deste início de formação da Cidade do Rio de Janeiro. Temos assim, diferentes estudos sobre a área que hoje denominamos Largo da Carioca....

Identificamos, através de uma análise topológica, a presença de diferentes sinais e simbologia, impregnada no espaço que compreende a área deste estudo – o Largo da Carioca. Reconhecemos, assim, quatro *camadas de densidade simbólica*:

- 2.1.1. Espaço do Brasil colonial no centro da Cidade do Rio de Janeiro;
- 2.1.2. A água chegou.... o comércio se especializa;
- 2.1.3. O “BOTA-ABAIXO” chegou ao Largo da Carioca;
- 2.1.4. Do Bonde ao Metrô: os transportes ratificando a centralidade.

Vejamos nos itens a seguir a construção das camadas de densidade simbólica no Largo da Carioca.

2.1.1 O espaço do Brasil colonial no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Os depoimentos que se tem do local remetem ao século XVI, época em que toda área era ocupada por um morro e uma lagoa. Ambos, mais tarde, receberam o nome de Santo Antônio (ver ilustração 01- esquema 01).

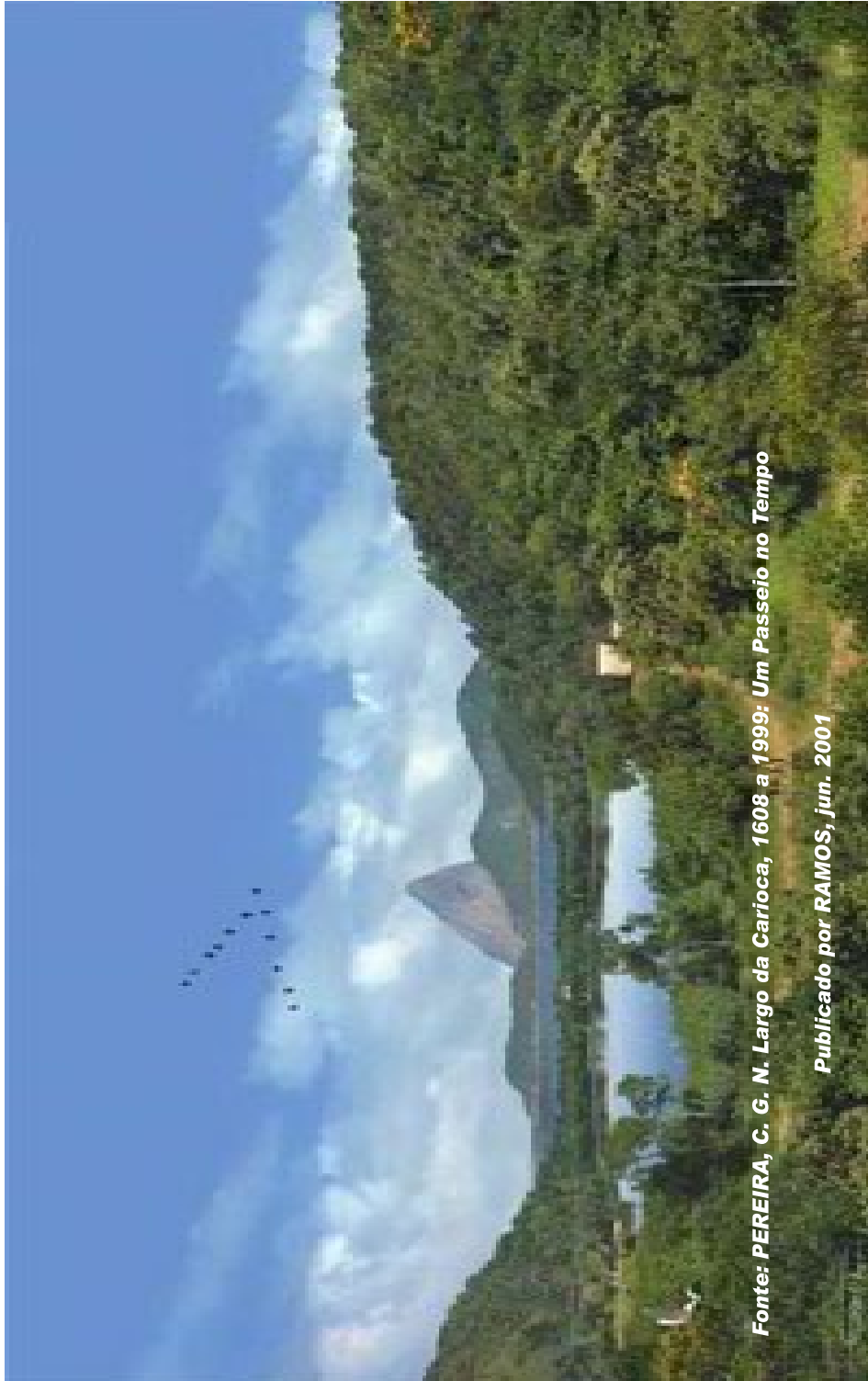
Vivaldo Coaracy, em seu livro *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*, nos transporta para a realidade do local no início da colonização:

(...) encontrava-se uma lagoa que se estendia até ao local onde hoje se encontra o Teatro Municipal, (...) era parte escusa, por onde não andava gente(...) nela vinham banhar-se os índios mansos(...) vinham também beber os bois do curral (...) e, por ser situado distante do povoado ali foi se instalar um curtume, utilizando-se da água da lagoa para lavar os pelames. Era indústria de maus odores(...) Foi assim este Filipe Fernandes, dono do curtume, um dos primeiros moradores do Largo da Carioca (...) Crispim da Costa e sua mulher, Isabel de Marins mandaram levantar em suas terras, à margem da lagoa, uma ermida posta sob a invocação de Santo Antônio (COARACY,1988, p. 108).

Enquanto ali existia a lagoa, a “praça era um simples descampado que as chuvas transformavam em vasto lodaçal e atoleiro” (COARACY, 1988, p. 110). Mais de um século se passou até que a área começasse a tomar o aspecto de um Largo.

O que determinou o esgotamento da água e as primeiras reformas no Largo foi o estabelecimento da *Ordem de São Francisco*, no morro de Santo Antônio, ainda no início do século XVII. A partir daí, sucessivas obras alteraram profundamente a topografia do local e determinaram, enfim, o alargamento do próprio Largo, que era de extensão muito menor do que a que hoje apresenta. O início da construção da igreja e convento de Santo Antônio pode ser compreendido como a primeira *camada de densidade simbólica* constituída no Largo. O papel da igreja católica na constituição dos espaços urbanos, ainda durante o período colonial, foi de fundamental relevância. A partir da construção destes espaços religiosos, a Cidade começou a se expandir, surgindo outras atividades e ampliando a circulação de pessoas nos locais próximos às igrejas. Não foi diferente no Largo da Carioca ...

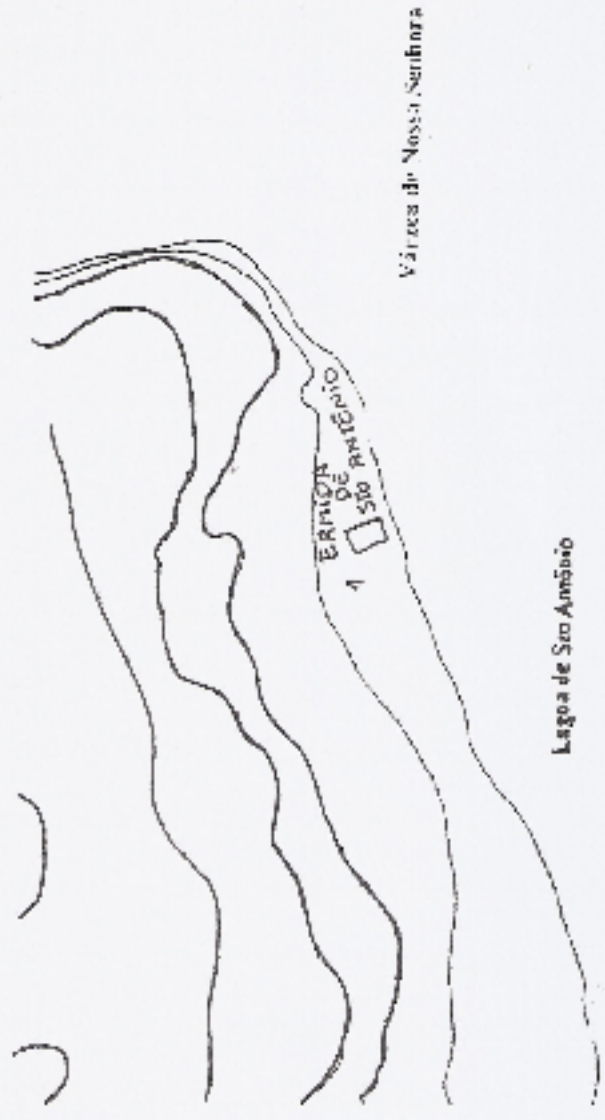
Ilustração 01 – Largo da Carioca 1608



Fonte: PEREIRA, C. G. N. Largo da Carioca, 1608 a 1999: Um Passeio no Tempo

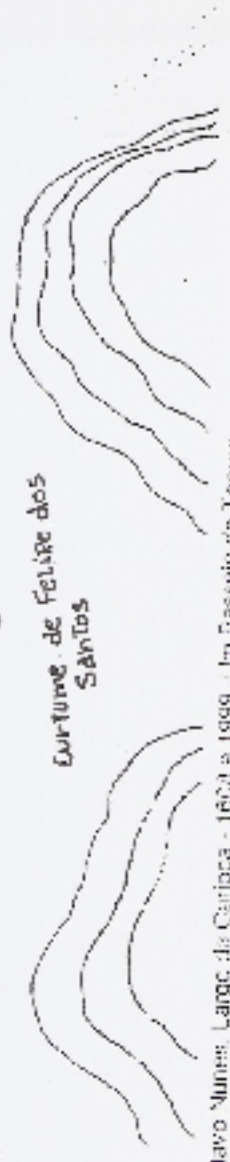
Publicado por RAMOS, Jun. 2001

Esquema
Largo da Carioca - 1608



- Largo da Carioca em 1608
- 1 - Ermida de Santo Antônio
 - 2 - Ermida da Ajuda
 - 3 - Curtume de Felipe dos Santos

2
ERMIÇA DA AJUDA



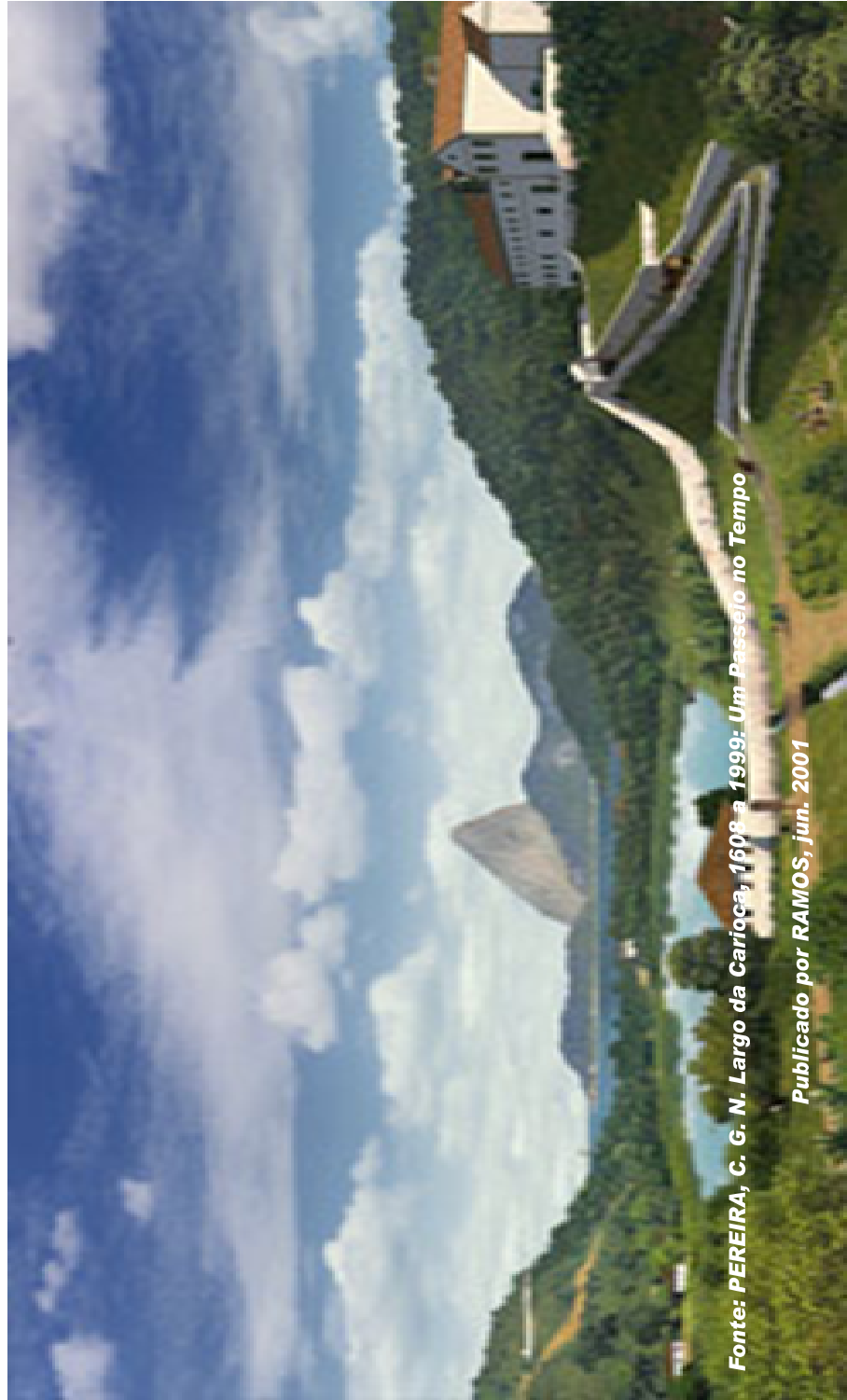
Cláudio Pereira. Carta de Gustavo Muniz. Largo da Carioca - 1620 e 1688. Um Passado do Tempo. (Arquitetura 2003, p. 21).

Relatos históricos registram que a ermida de Santo Antônio foi inicialmente doada aos primeiros frades carmelitas que desembarcaram no Rio de Janeiro, ainda no século XVI, porém esses religiosos não permaneceram nela, preferindo construir seu convento próximo ao mar. Alegavam que tal sítio era impróprio, devido à presença de lagoas e alagadiços que dificultavam o acesso e a própria circulação de pessoas. Alguns anos depois da recusa por parte dos carmelitas, os frades franciscanos receberam a ermida e outras propriedades, dentre as quais o próprio morro que se chamou Santo Antônio, doado por Martim de Sá em 19 de abril de 1607. (TEIXEIRA, 1988).

A construção do convento de *Santo Antônio* foi iniciada no alto do morro por volta de 1608. Foi concluída ainda no século XVII, depois de anos em construção, contando com recursos doados pela população, e os frades se transferiram definitivamente para lá, conforme aponta Coaracy (1988). Em 1622, foi inaugurada anexa à Igreja conventual de Santo Antônio, uma capela privativa sob a invocação da Imaculada Conceição. Somente em 1872 ficou inteiramente concluída a construção da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, outra ordem religiosa que se instala no Largo, ao lado dos franciscanos. (ver ilustração 02 – esquema 02)

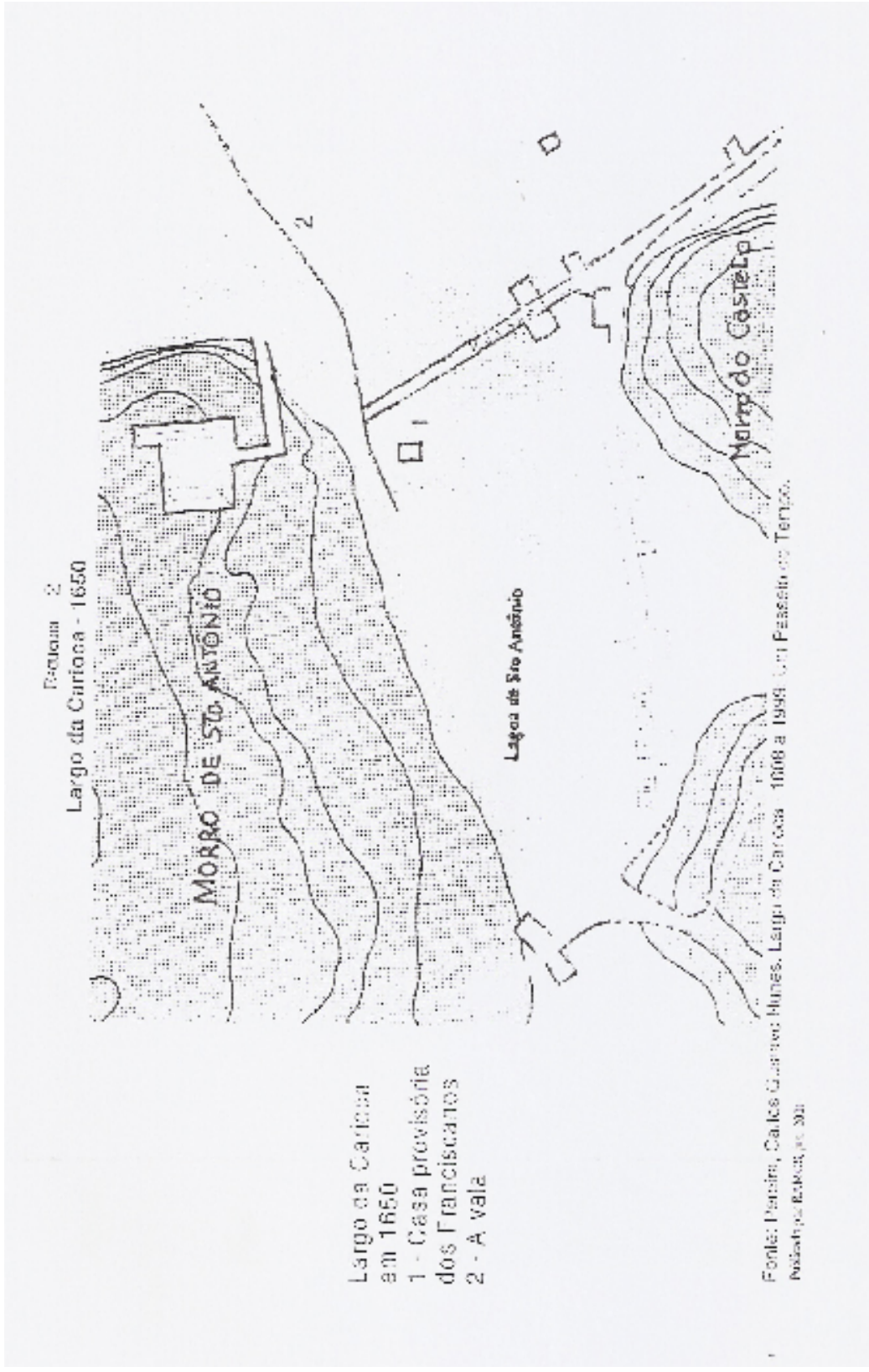
Estas ordens religiosas prestaram e ainda prestam serviços importantes à população carioca. Os franciscanos, ainda no início do século XVIII, permitiram o sepultamento de seus escravos nos terrenos ao redor das igrejas. Assim como, ainda nos idos do século XVIII, foi construído o Hospital da Ordem Terceira da Penitência, enorme casarão, que sobreviveu até 1905, quando foi demolido (TEIXEIRA, 1988). A história do Largo está diretamente relacionada à instalação dessas ordens religiosas, pois elas atraíam e atraem populações para o local.

Ilustração 02 – Largo da Carioca 1650



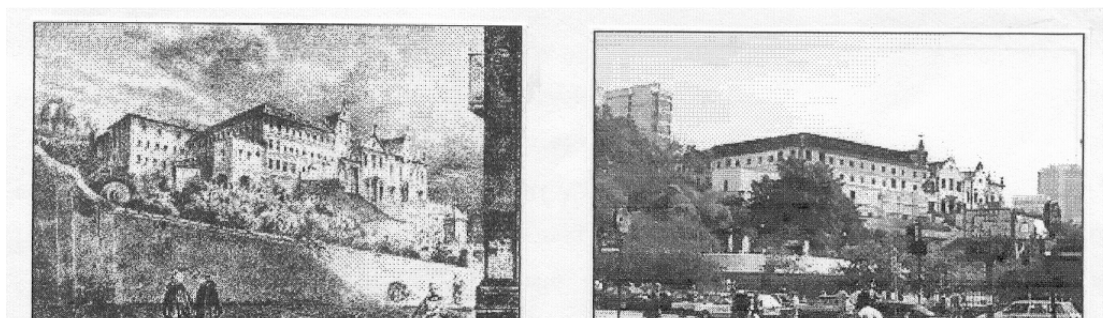
Fonte: PEREIRA, C. G. N. Largo da Carioca, 1608 a 1999: Um Passeio no Tempo

Publicado por RAMOS, jun. 2001



Observamos nas ilustrações a seguir, que o homem, através de sua cultura, modifica, re-estrutura e transforma a paisagem, e por outro lado, mantém na mesma paisagem as *formas simbólicas* que garantem a perpetuação de determinados símbolos de poder, tal como a Igreja Católica, que neste caso resistiu a todas as mudanças impostas por novos contextos urbanos.

Ilustração 03 – o Largo da Carioca e suas temporalidades.



Mosteiro e Igreja de Santo Antônio – Gravura séc. XIX Mosteiro e Igreja de Santo Antônio – 1997.

O complexo arquitetônico do sagrado compreende as igrejas de Santo Antônio, São Francisco da Ordem Terceira da Penitência e o convento franciscano. Essas *formas simbólicas* passaram por inúmeras alterações em suas estruturas físicas ao longo dos séculos. Esta primeira camada de densidade no Largo está carregada do simbolismo religioso católico, aparece na paisagem como uma marca e matriz (BERQUE, 1998) que se constituiu no próprio imaginário social da população carioca, como símbolo de um Brasil colonial. A igreja teve um papel fundamental na organização social dos espaços brasileiros, destacadamente em nosso objeto de estudo. Tal camada simbólica religiosa foi tão fortemente fincada no referido Largo que mesmo após o desmonte de parte do Morro de Santo Antônio, e tantas outras transformações urbanas, se faz ainda presente.

A importância da permanência de tal *forma simbólica* no centro da Cidade do Rio de Janeiro foi destacada em matéria publicada no jornal *O Globo* de 28 de março deste ano. O complexo arquitetônico do sagrado está passando por uma série de reformas de restauração e ampliação, e ganhará um Museu de Arte Sacra da Ordem Terceira de São Francisco, “a idéia é levar o visitante a um passeio pela história da arquitetura e arte religiosa do país. No edifício envidraçado estão

previstas exposições multimídia, palestras e cursos.” O terreno ganhará ainda “o Caminho da Paz Franciscana, que criará um espaço para meditação em pleno centro do Rio.” A paisagem da cultura dominante (COSGROVE, 1998) se apresenta no Largo da Carioca reafirmando há quatrocentos anos o poder da igreja católica no local com suas práticas ritualísticas religiosas sendo reconhecidas e respeitadas pelos grupos sociais que a freqüentam, e a partir do funcionamento do Museu, ampliando o reconhecimento da história e arquitetura religiosa do país. Essa *forma simbólica*, portanto, reafirma sua centralidade no Largo da Carioca.

2.1.2. A água chegou... o comércio se especializa.

As dificuldades, próprias do sítio natural da cidade, se refletiam, sobretudo, com relação ao abastecimento de água, desde os primórdios. A resolução dada para tal problema foi a canalização de rios e sua confluência para as áreas centrais da cidade, onde a população poderia adquirir a água. Sendo assim, por volta de 1718, sob o governo de Antônio de Brito Freire de Menezes (1717-1719), iniciaram-se as obras de instalação de canos de água através da antiga Rua dos Barbonos, atual Rua Evaristo da Veiga, para trazer para a Cidade as águas do rio Carioca. Sob o governo de Aires de Saldanha de Albuquerque Coutinho Matos e Noronha (1719-1725), em 1720, o encanamento alcançou o Campo da Ajuda, atual Cinelândia, ainda nos arrabaldes da Cidade à época. Esse governador, alterando o projeto original, defendeu a vantagem de se prolongar a obra até o Campo de Santo Antônio, atual Largo da Carioca, optando pelos chamados "Arcos Velhos" – um aqueduto ligando o morro do Desterro, atual morro de Santa Teresa, ao morro de Santo Antônio. A obra estava concluída em 1723, levando as águas à chamada "Fonte da Carioca", um chafariz erguido também no mesmo ano, que as distribuía à população no Campo de Santo Antônio e com o tempo deu o nome ao Largo. (TEIXEIRA, 1988)

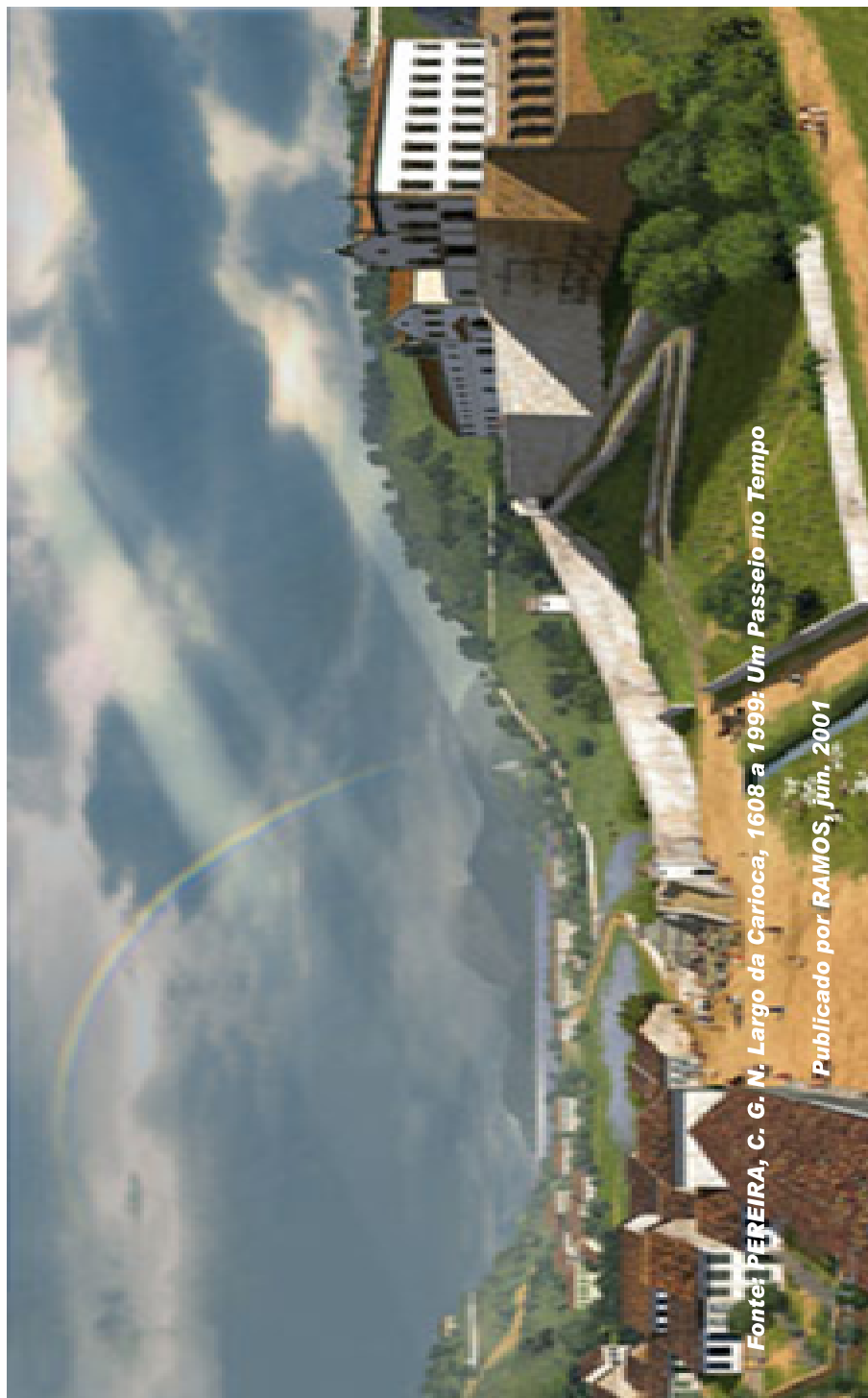
Este primeiro chafariz foi posteriormente substituído, em 1750, por outro, de onde brotava a água em um chafariz de mármore, através de 16 bicas de bronze, no Campo de Santo Antônio, dentro dos limites da Cidade. Mais tarde, essa água foi levada, através da Rua do Cano, atual Rua Sete de Setembro, até o Largo do Paço,

atual Praça Quinze de Novembro, onde os navios vinham abastecer-se. Grande parte do abastecimento de água para a área central da Cidade do Rio de Janeiro esteve durante muito tempo no campo de Santo Antônio, que passou então a chamar-se Largo “da Carioca” em referência à “fonte” de água que ali foi instalada, e que mesmo depois de desaparecida conservou a tradição. O Largo ficou “da Carioca”, fazendo então, concordância gramatical de gênero com a palavra “fonte”, permanecendo no vocabulário da Cidade até os dias de hoje.

O abastecimento de água na Cidade era precário, tornando-se, assim, rapidamente, o Largo um ponto de grande movimento, imprimindo um novo sentido ao espaço que se constituía cada vez mais como uma importante centralidade (MELLO, 1995) no centro da cidade do Rio de Janeiro, como nos descreve Coaracy (1988, p. 125): “como toda a gente ia ou mandava buscar água às dezesseis bicas de que ela jorrava do chafariz, tornou-se o Largo, antes apenas transitado pelos que se dirigiam ao convento, centro de intenso movimento” (ver ilustração 04- esquema 04).

Logo se estabeleceu o comércio da água, iniciado pelos índios, e mais tarde, perpetuado pelos escravos africanos que iam buscá-la no chafariz da Carioca, para levá-la aos seus senhores ou vendê-la nas ruas. Várias lavadeiras tornaram-se freqüentadoras do Largo, e não era raro as brigas e confusões entre elas, além das pancadarias e conflitos entre os homens (CARVALHO, 1997). Sendo assim, desde este tempo remoto, o Largo da Carioca foi se diferenciando das outras praças do centro da cidade, desenvolvendo uma identidade própria e característica, marcada pela presença de um grande número de pessoas de diversas classes sociais, inclusive de uma população mais humilde que trabalhava no local retirando seu sustento.

Ilustração 04 – Largo da Carioca 1723



Fonte: PEREIRA, C. G. N. Largo da Carioca, 1608 a 1999: Um Passeio no Tempo

Publicado por RAMOS, jun. 2001

O Largo foi se caracterizando, desde o início de sua construção, como espaço público transitável, como um espaço múltiplo e variado, onde podem ocorrer os fatos mais inusitados e inesperados, como nos lembra Carvalho,

Talvez por uma espécie de vocação, foi se identificando como um lugar plural, “de muita mistura”, como dizem os que hoje ali trabalham. Ao longo do tempo, o largo foi misturando não só classes sociais, mas cores, cheiros, sons e sabores, vozes e interesses que se articulam e diferenças que ali se resolvem (1997, p.27).

Devido ao grande número de freqüentadores no local, foi necessária a instalação de uma guarda permanente de quadrilheiros, para manter a ordem e policiar a praça. Essa guarda localizava-se na Rua da Guarda Velha, atual Avenida Treze de Maio, e cedeu nome a várias dependências e acessórios do Largo. Novas construções surgem, algumas destas importantes edificações que delimitavam a área na época eram:

- o *Imperial Teatro Dom Pedro II*, conhecido como *Teatro Lírico* por possuir uma excelente acústica, abrigando, assim, vários espetáculos musicais. Era para lá que se dirigia a alta sociedade carioca nas noites de ópera. Esse teatro foi construído onde, anteriormente, se encontrava um “barracão”, destinado a espetáculos eqüestres e de acrobacia.
- o Circo Olímpico, mais popularmente conhecido como Circo da Guarda Velha. Sua localização era fronteira à atual Rua Senador Dantas, marcando desde aquela época uma identidade particular e que, de certa forma, se perpetuou no Largo, onde podemos observar nos dias atuais os mais variados espetáculos acrobáticos e performances circenses.
- o *Edifício da Imprensa Nacional*, construído em 1878, na Rua da Guarda Velha que prestava serviços importantes, mantendo informada a população carioca.

Essas construções foram demolidas anos mais tarde para novas reformas no lugar. No século XIX, o chafariz do Largo foi substituído por mais duas vezes. Em 1834, foi inaugurado o terceiro chafariz do Largo da Carioca, idealizado pelo francês

Grandjean de Montigny, contava com 35 bicas e foi o maior de todos, prestando muitos serviços à população, até ser demolido em 1920, mas a centralidade no Largo permanece.

O incremento populacional na Cidade do Rio de Janeiro, com a chegada da família real em 1808, impôs uma aceleração em seu processo de urbanização, principalmente, com relação à infra-estrutura básica de saneamento, captação de água e moradias. A utilização da água que chegava ao Largo da Carioca foi se ‘especializando’ a partir do século XIX e, concomitantemente, com a criação do transporte público, mas conhecido como “bonde”, fez crescer ainda mais a circulação de pessoas, aumentando, portanto, o movimento no local. Em consequência disso, o comércio também se expandiu.

Segundo Coaracy (1988, p.144), “em frente ao Teatro Lírico existia uma fábrica de cerveja, talvez a primeira a se fundar no Brasil onde as cervejas consumidas eram de procedência da Alemanha e Inglaterra (...). Era a cervejaria da Guarda Velha”. Novas lojas surgiram: cafés, charutarias, pontos de venda de jornais e modernos edifícios. Entre eles estavam o luxuoso *Hotel Avenida*, a *Galeria Cruzeiro*, o *Cinema Central* e o *Café Nice*, que atraíam muitos freqüentadores. Além dessas construções, havia também o *Liceu Português*, que permanece ainda hoje como testemunho de um tempo passado, na paisagem do Largo.

Na segunda metade do século XIX, o Largo passou por novas modificações que ampliaram ainda mais sua área de abrangência e influência na Cidade do Rio de Janeiro. A implantação do ponto de partida das linhas de bonde da *Botanical Garden Railroad Company*, ligando o centro à Zona Sul, aumentou ainda mais o movimento de transeuntes atraídos pela diversidade do comércio e oportunidades de lazer.

Portanto, desempenhando um papel de fundamental importância para a população da Cidade, o abastecimento de água, a partir do chafariz da Carioca, proporcionou um desenvolvimento de inúmeras outras atividades econômicas. Essas novas funções que se estabeleceram no Largo contribuíram para fortalecer a constituição da segunda camada de densidade simbólica em nossa análise. Mesmo após a retirada do chafariz e a consequente perda de tal função de abastecimento de água, essa camada manteve-se como a centralidade relacionada à reunião de pessoas. Essa qualidade se perpetuará nas camadas a seguir. O contexto

republicano, que marca o final do século XIX, também auxilia nas mudanças da capital do país.

2.1.3. O “BOTA ABAIXO” chegou ao Largo da Carioca.

Apesar de ser a Capital do Império do Brasil, o Rio de Janeiro de meados do século XIX era ainda uma Cidade acanhada, com aspecto colonial: ruelas estreitas e casas mal construídas; o Centro superpovoado e insalubre. Os problemas urbanos eram múltiplos e as soluções eram lentas. Entretanto, o crescimento da Cidade foi exponencial, sobretudo a partir do final dos anos 1880, com o conseqüente agravamento das questões sanitárias. (BENCHIMOLL, 1992)

Essa Cidade acanhada e com muitos problemas relacionados à ocupação desordenada, refletidos nas questões sanitárias, levou, no início do século XX (1902-1906) à implementação de uma ampla reforma na Cidade do Rio de Janeiro, empreendida pelo então Prefeito Pereira Passos e pelo Presidente Rodrigues Alves, apelidada popularmente por *Bota-abaixo*. Essa reforma tinha como objetivo principal modernizar e ‘higienizar’ a Cidade. A então capital da República do Brasil, deveria apresentar ares de progresso e modernidade. Aterros e desmontes foram feitos e largas avenidas abertas, espelhando nas fachadas dos edifícios os reflexos do urbanismo moderno, hegemônico nas principais capitais européias.

Os discursos do saber técnico de arquitetos e urbanistas, assim como o saber médico-sanitarista, foram relevantes para a definição do intenso processo de *intervenção cirúrgica* realizado no espaço urbano carioca, que, ao *rasgar* avenidas e remover os trabalhadores pobres para as periferias da cidade, impôs uma lógica ao espaço, confirmando as intenções de um *aburguesamento* da Cidade. Esse plano urbanístico transformou radicalmente o Rio de Janeiro, abandonando definitivamente suas características coloniais, em que proliferavam cortiços e edificações degradadas, ruas estreitas e insalubres, para se apresentar como grande metrópole moderna e influenciada pelo urbanismo francês de Haussmann, o grande reformador de Paris, (BENCHIMOLL, 1992). Como aponta Abreu (1997, p.59), “foi uma época de grandes transformações, motivadas, sobretudo, pela necessidade de adequar a

forma urbana às necessidades reais de criação, concentração e acumulação do capital”.

A capital foi reestruturada várias vezes. Dentre as reformas implementadas, houve construções antigas demolidas (como os cortiços e as casas de cômodos), morros arrasados, parte da baía de Guanabara aterrada, a Zona Portuária foi ampliada, grandes avenidas foram abertas (como a Rodrigues Alves e a Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco). Praças antigas foram reformadas e novas áreas criadas. Os monumentos arquitetônicos edificadas nesses espaços provam a força da intervenção do poder público: são construídos o Teatro Nacional, a Biblioteca Nacional e os novos prédios da Avenida Central, entre inúmeros outros projetos.

A reforma Passos determinou uma expansão urbana através do centro. Essa área serviu como divisor para acentuar a estratificação social, ao separar a Cidade em duas partes distintas: a Zona Sul para a classe de alta renda e para a burguesia abastada e a Zona Norte para a classe operária e a população de baixa renda. Como o geógrafo Abreu cita em seu estudo,

O rápido crescimento da cidade em direção à zona sul, o aparecimento de um novo e elitista meio de transporte (o automóvel), a sofisticação tecnológica de transporte de massa que servia às áreas urbanas (o bonde elétrico), e a importância cada vez maior da cidade no contexto internacional não condiziam com a existência de uma área central ainda com características coloniais, onde se misturavam as sedes dos poderes político e econômico com carroças, animais e cortiços (1997, p. 60).

Nesse contexto de intensas transformações urbanas, temos o Largo da Carioca, que foi ampliado e remodelado. Antigas construções e sobrados que compunham a paisagem foram demolidos, entre os quais o *Hospital da Ordem Terceira da Penitência*. As reformas impostas por Pereira Passos alteraram não somente as *formas* materiais que se encontravam no Largo, mas também interferiu e tentou modificar os modos de vida e usos que eram dados pela população ao local.

Dessa época datam ricos relatos de cronistas sobre a vida e a ocupação do Largo da Carioca, bem como de todo o centro da Cidade. Neles, o Rio de Janeiro é descrito como uma cidade suja e pitoresca, com uma estrutura urbana velha e ultrapassada, de ruas estreitas e infectos sobrados coloniais. O cotidiano do Largo, naquela época, já era marcado por uma forte “mistura” de pessoas; o já bastante intenso movimento de pedestres atraía para lá as “pequenas profissões” de que fala João do Rio (1991). Segundo o cronista da Cidade do início do século XX, “no Largo

amontoavam-se vendedores de bilhetes de loteria, de jornais, de jogo do bicho e engraxates, cada qual a apregoar em altos brados o que lhe traz dinheiro” (1991, p. 38).

O autor não deixa de citar os tipos populares que faziam a alegria da praça, como o velho Bandeira, o preto que, enquanto vendia jornais e cordéis, “falava alto, discutia, ria, gargalhava escandalosamente”. E os “manéis” que namoravam as negras vistosas do Largo, os moleques que pediam esmola “para comprar um pão”. E os quiosques que vendiam cartões da sorte e de pornografia, reunindo bêbados e desocupados. Luis Edmundo (1957), outro importante cronista da Cidade, conta que, durante o dia no Largo da Carioca, “gralha-se à vontade, discute-se, berra-se. Por vezes há taponas, brigas, conflitos”, formando-se, assim, o quadro ofensivo com que se deparam:

(...) senhoras elegantíssimas e homens de sobrecasaca e cartola em seus passeios pela Cidade. Somente à noite, quando a gentalha já se foi, podem se deliciar à vontade com os espetáculos do *Lírico*. O Largo, maltratado e feio, dignifica-se. Nele há bulha, alegria, esplendor. (EDMUNDO, 1957, p. 136)

A “gentalha” a que se refere o cronista Edmundo eram os ex-escravos, negros e mulatos, imigrantes e baianos, ciganos, deficientes físicos e enfermos, entre outros miseráveis que recorriam a expedientes não convencionais para ganhar a vida no centro da Cidade. Seus hábitos e costumes identificados com a barbárie, selvageria e primitivismo, deviam ser, naquele início de século, senão transformados, ao menos afastados dos olhos da sociedade. A “gentalha alvoroçada e suja” (EDMUNDO 1957, p. 137) precisava ser extirpada da Cidade moderna e civilizada que o Prefeito Pereira Passos desejava ver nascer.

As reformas do *bota abaixo*, como dito anteriormente, além das transformações físicas impostas ao Largo, buscaram limitar e transformar os usos dados a este espaço público, como o próprio Pereira Passos afirma:

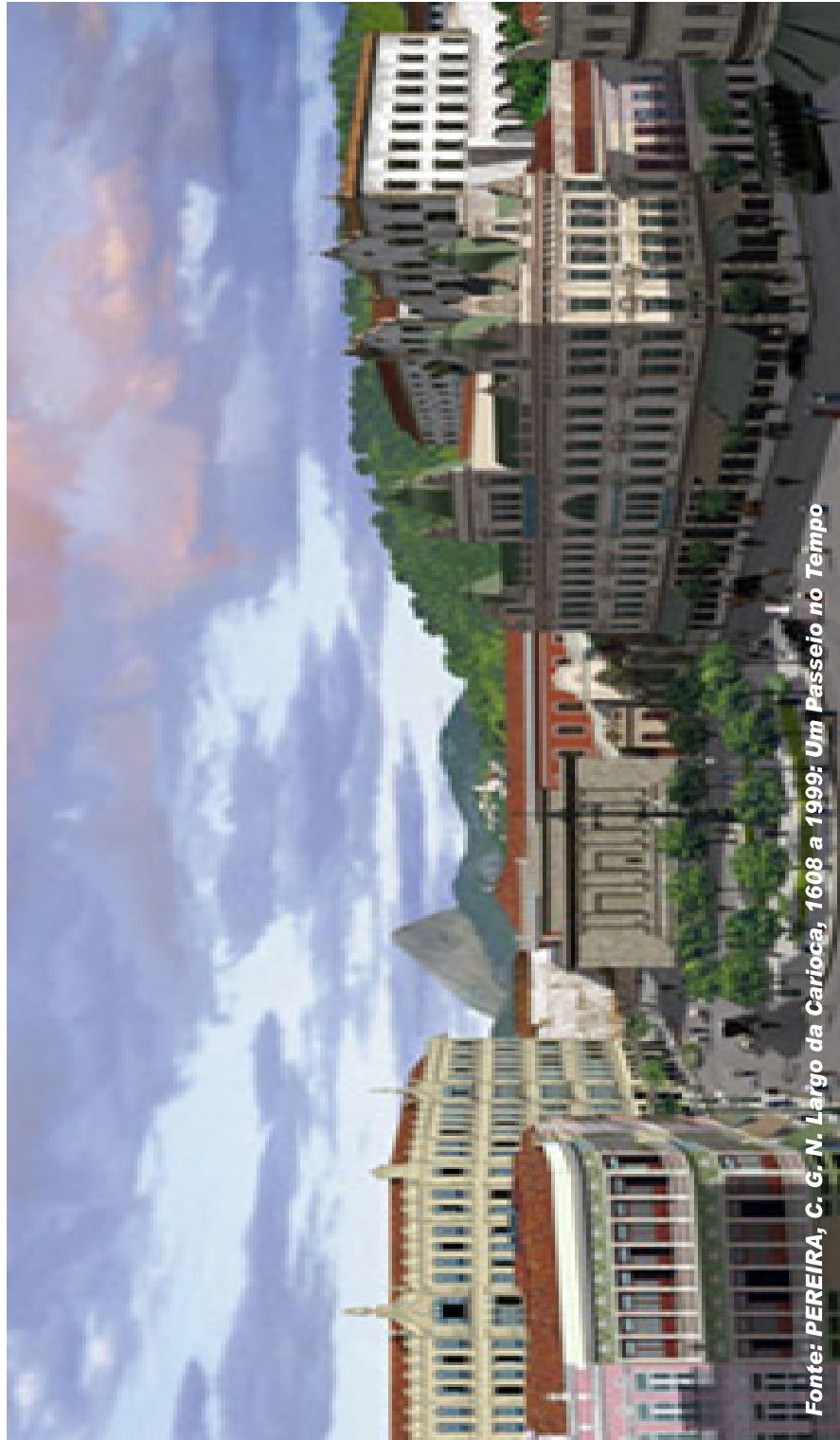
Tenho procurado pôr termo à praga dos vendedores ambulantes de bilhetes de loteria, que, por toda parte perseguiram a população, incomodando-a com a infernal grita e dando à cidade o aspecto de uma tavolagem. Muito me preocupei com a extinção da mendicidade pública, o que mais ou menos tenho conseguido, de modo humano e eqüitativo, punindo os falsos mendigos e eximindo os verdadeiros à contingência de exporem pelas ruas sua infelicidade (...) (PEREIRA PASSOS *apud* BENCHIMOL, 1992, p. 228).

Segundo Benchimol (1992), a época foi conturbada neste início de século XX, a maioria dos trabalhadores cariocas dependia de algum tipo de ofício artesanal ou do comércio ambulante para sobreviver. Essa situação persistia desde o período colonial. No entanto, sua presença nas ruas, misturados aos mendigos e desocupados que aí vagavam, era vista como possível ameaça à ordem, à segurança e à moral públicas. Por isso, o prefeito procurou controlar não só o trabalho dos ambulantes, mas todas aquelas formas de apropriação do espaço público incompatíveis com seu plano de modernização da Cidade, entre elas as “pequenas e ignoradas profissões da miséria e da malandrice” (RIO, 1995, p.24). Nas crônicas reunidas em *A Alma Encantadora das Ruas*, encontramos as primeiras referências aos artistas anônimos e a outros tipos que, já no início do século XX, animavam as ruas e divertiam a população. Tais vivências narradas por cronistas confirmam as reflexões das diferentes *centralidades contrastantes* de que fala o geógrafo Mello (1995). (ver ilustração 05 Largo da Carioca 1910)

O Largo da Carioca, apesar das modificações que ocorreram entre as décadas posteriores ao *bota-abaixo* (entre 1920 e 1950), continuou a expandir-se com o desmonte de grande parte do morro de Santo Antônio. Nessa época, o Hospital da Ordem Terceira da Penitência, que havia sido inaugurado em 1763, já tinha sido demolido (COARACY, 1988), restando apenas parte do muro frontal e do prédio onde funcionava o arquivo do hospital, que podem ser vistos ainda hoje, em frente à Igreja da Ordem Terceira, marcando na paisagem um tempo passado, como define o geógrafo Santos (1986), uma *rugosidade* na paisagem do Largo da Carioca.

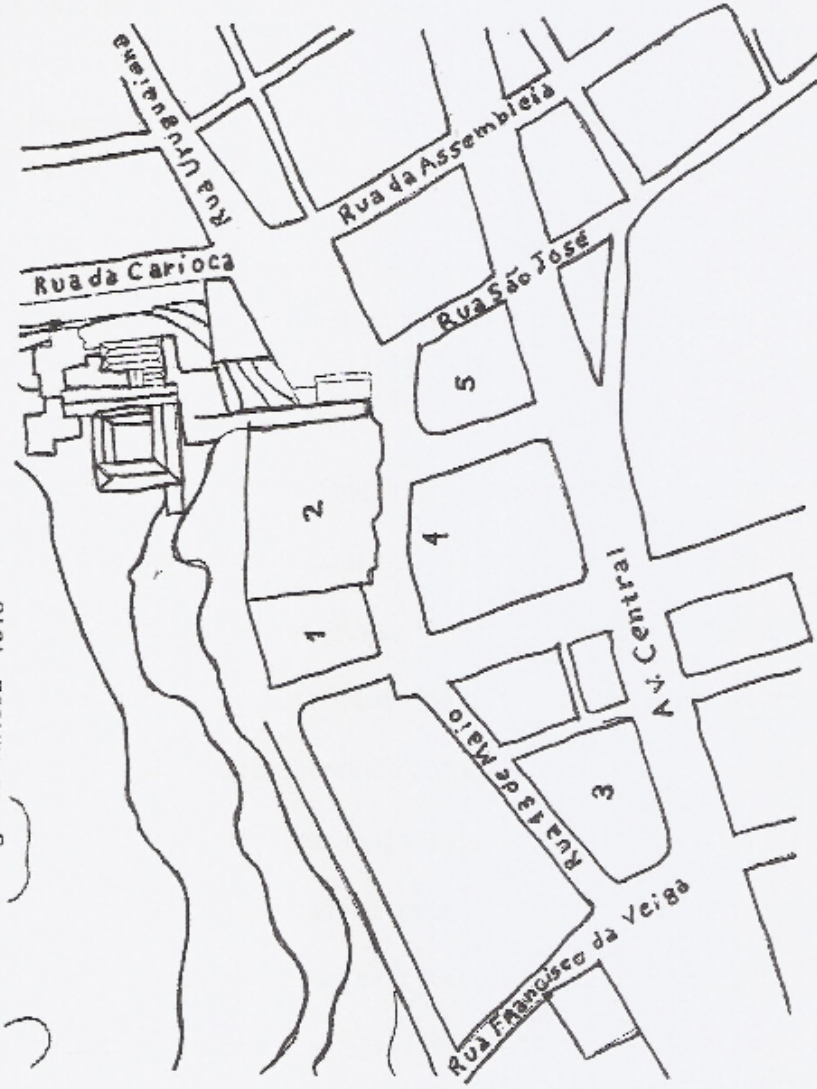
Na década de 1930, foram demolidos o *Lírico*, o *Imperial Teatro Dom Pedro II* e o *Edifício da Imprensa Nacional*, para alargamento da Avenida Treze de Maio. Na década de 1950, foi a vez do complexo de edificações que envolviam o *Hotel Avenida* e a *Galeria Cruzeiro*, derrubados para dar lugar ao *Edifício Avenida Central* e ao prédio da *Caixa Econômica Federal*. Na década de 1970, foram feitas as últimas ampliações do Largo, por ocasião da abertura da Estação do Metrô da Carioca, importante fixo social, implantado no coração da Cidade, tornou-se uma das estações de grande movimento, reafirmando a centralidade marcada pelo intenso fluxo diário de pessoas. Um projeto do paisagista Burle Marx foi parcialmente implantado no local, que ajardinado e coberto com piso de pedras portuguesas, transformou-se em área de pedestres, intensificando-se, assim, sua centralidade (MELLO, 1995).

Ilustração 05 - Largo da Carioca 1910.



Fonte: PEREIRA, C. G. N. Largo da Carioca, 1608 a 1999: Um Passeio no Tempo

Planta de Situação 4
Largo da Carioca - 1910



- Largo da Carioca em 1910
- 1 - Teatro Lírico
 - 2 - Imprensa Nacional
 - 3 - Teatro Municipal
 - 4 - Liceu de Artes e Ofícios
 - 5 - Hotel Avenida

Fonte: Pereira, Carlos Gustavo Nunes. Largo da Carioca - 1608 a 1999 - Um Passeio em Tempo
Publicado por RAMCOS, jun. 2001

Estas transformações e reformas implementadas ao longo do século XX modificaram a paisagem do Largo, alterando suas formas fixas. Porém, a cada amanhecer, a despeito de todas as reformas modernizantes implementadas no local, os artistas anônimos, os ambulantes e outros tipos populares continuam a se espalhar por todo o Largo. Por uma espécie de vocação histórica e confirmando a idéia de que o espaço se constitui, sim, a partir do acúmulo de significados atribuídos e reconhecidos pelo homem, o *Velho Largo* se mantém ainda hoje, mesmo depois de Pereira Passos e tantas outras reformas, como um espaço privilegiado de reunião de indivíduos das camadas populares que o utilizam em práticas sociais ainda relacionadas àquelas velhas e “pequenas profissões” contadas por João do Rio. E, assim, retiram desse espaço público seus ganhos.

O crescimento populacional e econômico aliado às mudanças promovidas no início do século XX por Pereira Passos, e todas as outras reformas que se seguiram, visando a tornar o centro da Cidade do Rio de Janeiro uma capital moderna, símbolo de progresso, fez se consolidar, na década de 1980, um projeto para os meios de transportes que já vinha sendo pensado desde o início do século XX: a construção do Metropolitano, que mais uma vez alterou a dinâmica do Largo da Carioca.

2.1.4. Do Bonde ao Metrô: os transportes ratificando a centralidade.

Essa camada de densidade simbólica se constituiu a partir da década de 1970. No entanto, o interesse nesse microcosmo refere-se ao entendimento da importância do seu papel como meio de transporte massivo que conecta diferentes áreas da Cidade. Concentramo-nos na importância da construção desse meio de transporte para o Rio, os impactos de tal política pública para o Largo da Carioca e a conseqüente reafirmação da centralidade, agora reforçada por essa movimentada estação de entroncamento construída no Largo.

O período entre o final do século XIX e início do século XX foi marcado por uma fase de expansão acelerada da malha urbana carioca. Em seus estudos sobre a evolução urbana da Cidade, Maurício Abreu chama a atenção para o papel dos meios de transportes nesta dinâmica de crescimento. “Controlados em grande parte pelo capital estrangeiro, trens e bondes tiveram um papel indutor diferente no que toca à expansão física da cidade” (ABREU, 1997, p. 43). A reforma Passos, do início

do século XX, determinou uma expansão urbana através do centro. Essa região serviu como divisor para acentuar a estratificação social, ao separar a Cidade em duas partes distintas: a Zona Sul para a classe rica e para a burguesia abastada, e a Zona Norte para a classe operária e a população de baixa renda, como destacado anteriormente. O papel das linhas de bondes, sendo a primeira inaugurada ainda no final do século XIX (1868) pela Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico - *Botanical Garden Railroad Company* - foram os indutores da ocupação do Centro até as praias da Zona Sul. Os subúrbios, tendo como fator de indução as ferrovias, foram ocupados pelos habitantes expulsos dos cortiços demolidos no Centro, (ABREU, 1997).

O século XIX, então, foi marcado pelo início deste processo de descentralização. A população de *status* mais elevado começou a abandonar os bairros centrais, deslocando-se predominantemente para a Zona Sul. A idéia de morar próximo ao litoral (a praia) começou a ser difundida na sociedade. Como aponta Corrêa:

(...) os interesses fundiários e de outras frações do capital, que contavam com a atuação do Estado, criaram um amplo setor residencial seletivo em áreas cujos atributos naturais passavam a ser vistos como amenidades. Tratava-se de setores litorâneos: Glória, Flamengo, Botafogo (1997, p.175).

Este padrão de descentralização para áreas que ofereciam atributos naturais se perpetuou durante o século XX. Ainda Corrêa (1997, p.175) afirma que “esse padrão setorial é ratificado - Copacabana, Ipanema, Leblon – e em seu último quartel urbaniza-se a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes”.

A lógica capitalista se impunha definitivamente no espaço urbano carioca, criando espaços segregados. O poder político do Estado passa cada vez mais a impor uma organização sócio-espacial que privilegia as elites da Cidade. Para tanto, reformas brutais foram implementadas, principalmente no Centro, onde parte da população trabalhadora vivia, no início do século XX. O discurso *higienista* de assepsia do sanitarista Oswaldo Cruz serviu como base para as intervenções de remoção e expulsão de grande parte desses “pobres” moradores do centro da Cidade, levando a população a ocupar os morros próximos aos locais de trabalho e dando início ao desenvolvimento caótico e desordenado das favelas. (ABREU, 1997).

Nas décadas seguintes, o Centro continua a ser a área indutora do progresso da Cidade, ponto de gravidade da sua expansão. Com o prefeito Carlos Sampaio, que assume em 1920, é levado a cabo o desmonte do Morro do Castelo, berço da história da Cidade, disponibilizando uma grande área para novas edificações. O crescimento populacional da cidade com as tentativas de consolidação da indústria e a manutenção do controle político por parte da oligarquia do café, a partir da década de 1930, foram fundamentais para o desenvolvimento de políticas públicas que priorizavam o planejamento do espaço urbano (ABREU, 1997). O transporte de massa, portanto, era um dos elementos primordiais na organização desse espaço crescente. A ação do poder público, contribuindo para acentuar a hierarquização sócio-espacial da Cidade e a contínua pressão da população empurrada cada vez para mais longe do Centro e, por isso mesmo, cada vez mais dependente do transporte de massa, pré-configuram o que irá se identificar anos depois como uma “crise” nos transportes da Cidade, (SACASA, 1995).

A idéia de construção de um sistema metroviário para o Rio de Janeiro é bastante antiga, desde o princípio do século XX já se pensava na construção de tal sistema. Porém, entre a intenção de construí-lo e sua total realização, passaram-se décadas de pesquisas e estudos. Vários planos urbanísticos foram encomendados: Plano Agache, Doxiadis e Pub-Rio. Em todos eles os transportes metropolitanos foram elementos de destaque. No entanto, a construção da linha prioritária do Metrô Carioca só começou a ser construída na década de 1970. Apesar das decisões políticas e econômicas terem sido lentas, a construção deste primeiro trecho que ligava a Zona Norte à Zona Sul da Cidade, passando pelo centro, foi relativamente acelerado, tendo sido inaugurado esse trecho, denominado linha prioritária em 1981.

O Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), em 1978, apresentou à Companhia do Metropolitano um relatório de impacto da construção do metrô em várias áreas da cidade, considerando o zoneamento estabelecido por esta Companhia. A área da estação do Largo da Carioca foi caracterizada como fazendo parte da macrozona identificada como de características predominantemente de serviços. No Largo da Carioca já predominavam as atividades de serviço, exemplificadas pelas *formas espaciais* escolhidas para esta dissertação: Avenida Central e Caixa Econômica Federal. A existência de serviços também já estava presente nas adjacências: (a) no corredor da Avenida Chile, onde já se localizavam os edifícios da Petrobrás, o Banco Nacional de Habitação e o Banco Nacional de

Desenvolvimento (BNDES); (b) na Rua da Carioca, representando um importante corredor de comércio com lojas tradicionais da Cidade. Neste sentido, podemos compreender os impactos diretos da construção da estação Carioca, durante o período de sua obra, pois sua edificação foi bastante complexa pelo fato de ser a maior já construída (18 mil m²) no Rio de Janeiro até aquela data.

Os impactos qualificaram o Largo, por aproximadamente cinco anos, tempo que levou a obra de execução do metropolitano, como um local considerado bastante desorganizado do ponto de vista da circulação e encontro de pessoas, visto que no local “ficou aberto” o que foi apontado pelo *Jornal do Brasil* (JB, 13/08/1978) como “o maior buraco da história das obras públicas da Cidade”. A Estação da Carioca foi inaugurada em 1981, marcando no lugar mais uma forma simbólica espacial presente até os dias de hoje. Após esse período conturbado, o Largo da Carioca entrou em obras, e permaneceu fechado por tapumes durante meses. As principais mudanças introduzidas foram a construção de um parque todo gradeado e a delimitação de um corredor exclusivo de pedestres. A área fechada recebeu novo mobiliário urbano, como bancos de granito padronizados, telefones públicos, canteiros e arborização, além de um anfiteatro para a realização de eventos de música, dança e teatro. (ver ilustração 06 Largo da Carioca 1999)

O projeto de reurbanização das áreas atingidas pelas obras do metrô no Largo da Carioca estendeu-se na reorganização do espaço urbano situado entre as Avenidas Rio Branco e Presidente Vargas. Como salientou o arquiteto Sabino Barroso, responsável pelos projetos de reurbanização, em reportagem ao *Jornal do Brasil* (JB 13/08/78): “o objetivo foi estabelecer centros equilibrados e definidos de embarque e desembarque, o metrô, com seu poder de polarização, possibilitaria a liberação do solo para a circulação livre de pedestres, humanizando a cidade com a eliminação de agentes poluidores”.

Ilustração 06 – Largo da Carioca 1999.



Fonte: PEREIRA, C. G. N. Largo da Carioca, 1608 a 1999: Um Passeio no Tempo
Publicado por RAMOS, jun. 2001

Mais uma vez, o discurso de *limpeza, higiene e humanização* aparece presente, consolidando no espaço público carioca uma ação política com a construção de um sistema de transportes de “massa”, que irá atender inicialmente os moradores da Zona Sul e Norte da Cidade. Isso reafirma, assim, a idéia de espaços onde se percebe a intensificação das relações núcleo-periferia e a valorização e recriação de espaços diferenciados também pelos meios de transporte. Como assinala Abreu (1987), os bondes, primeiro à tração animal, depois elétrica, foram voltados para atender as Zonas Norte e Sul da Cidade e as ferrovias para atender os subúrbios. A Zona Sul da Cidade nessa época se caracterizava como a área residencial da população de alto poder aquisitivo. Os meios de transportes foram elementos constitutivos da separação e conformação dos diferentes espaços da Cidade, onde se percebe, ainda nos dias de hoje, uma intenção política de controle da circulação e uso das diferentes áreas da Cidade responsável por estes projetos de reurbanização e de destaque em nosso olhar de pesquisador. Na estação da Carioca circulam diariamente milhares de pessoas. A centralidade que exerce é tão intensa que hoje esta estação subterrânea oferece diversas atividades de comércio e serviços. Até mesmo uma escola de ensino superior – Univercidade – está instalada, nesse local, aproveitando-se da centralidade e da forma sócio-espacial que representa. Assim, essa *camada de densidade simbólica* reafirma, desde a década de 1980, sua importância no espaço.

São múltiplas as interpretações a respeito da paisagem urbana. As formas simbólicas espaciais estão, segundo assinala Corrêa (2007a), sugerindo a força das representações que os homens constroem, envolvendo o passado, o presente e o futuro. Essas formas espaciais em conjunto com os olhares e narrativas construídas pelos personagens que compõem esta *cena* estão presentes no Largo da Carioca e constituem uma *teia* de relações que será campo de investigação do próximo capítulo.

3. NARRATIVAS URBANAS NO LARGO DA CARIOCA: “LUGAR ONDE TUDO ACONTECE”

Toda atividade humana é ao mesmo tempo material e simbólica, produção e comunicação.

Denis Cosgrove

O Largo da Carioca é um dos espaços públicos mais importantes e movimentados do centro da Cidade do Rio de Janeiro. Concentra numerosos estabelecimentos comerciais, instituições financeiras, um antigo templo religioso, escritórios e consultórios, além da estação de entroncamento da linha prioritária do metrô carioca. Situa-se estrategicamente, como ponto de convergência e de irradiação de numerosas redes de transportes coletivos. Isso o coloca, por assim dizer, numa posição central e faz dele um espaço de passagem obrigatória no ir e vir da Cidade. Milhares de trabalhadores: empresários, funcionários públicos, profissionais liberais, *office-boys*, balconistas, vendedores, secretárias e serventes, entre muitos outros, esbarram-se freneticamente no espaço tomado também por ambulantes, religiosos e profetas urbanos, artesãos e artistas de rua, pedintes, moradores de rua, toda sorte de desocupados e tipos sem ocupação definida. Tudo isso concorre para que, diariamente, de segunda à sexta-feira, no horário comercial, o Largo da Carioca se transforme em local de intensa vitalidade, concentração e diversidade de práticas humanas.

Sua característica de servir como ponto de encontro de indivíduos de várias camadas e grupos sociais, articulando de um modo próprio elementos provenientes dos mais diversos mundos sociais e simbólicos, o inscreve de maneira muito particular no mapa da cidade. Retomando a expressão de Wirth (1967), poderíamos caracterizá-lo como um *mosaico de mundos sociais interdependentes*, uma espécie de local onde convivem tipos variados de pessoas com gostos, projetos e entendimentos diferenciados das práticas sociais ali existentes, tal como muito bem percebem seus atuais freqüentadores, ao afirmarem: “**aqui é onde tudo acontece,**

é uma mistura danada". Essa "mistura" é sua marca e pode ser vivenciada no dia-a-dia.

Esses diferentes mundos que se entrecruzam no Largo apresentam-se através dos microcosmos, em que as *formas simbólicas se espacializam* (CORRÊA, 2008). Temos formas antigas e modernas que caracterizam uma pluralidade de funções, que por sua vez, provoca uma forte confluência de pessoas. Identificamos como formas simbólicas fixas pretéritas: o complexo arquitetônico do sagrado, que data do século XVII, o relógio lampadário que se localiza em um dos pontos do Largo e data de 1909 tendo sobrevivido a várias reformas ocorridas no local. E há formas simbólicas localizadas no Largo que são mais recentes, datam da segunda metade do século XX: Os edifícios Avenida Central, Ed. da Caixa Econômica Federal, Estação do Metrô, Feira Permanente de Artesanato, Bancas de jornais e Cabine da Polícia Militar. Apresentam-se também, no local, práticas culturais pretéritas que se recriam cotidianamente, a partir da apropriação de seus espaços por ambulantes e artistas que trabalham vendendo alimentos, mercadorias e arte.

Essas formas simbólicas exercem funções que imprimem marcas no Largo, constituindo, assim, uma praça urbana utilizada por um número enorme de atores que atravessam, permanecem, circulam, ou seja, de alguma maneira experienciam este espaço em seu cotidiano. Para traduzirmos as narrativas construídas por aqueles que vivenciam o cotidiano do Largo é oportuno expor as práticas sócio-culturais que lá ocorrem.

3.1. Um dia no Largo da Carioca: os cheiros, os sons e sabores

Nas primeiras luzes da manhã, o Largo é um local sossegado, com pouco movimento. Com o passar das horas, o fluxo de transeuntes apressados para o serviço vai aumentando e aqueles que trabalham no Largo também começam a chegar. Os barraqueiros da Feira de Artesanato chegam por volta das 7:00 / 8:00 horas da manhã. As bancas de jornais também abrem cedo. Os artistas de rua e ambulantes, porém, começam a aparecer por volta das 9:00/10:00 horas, quando o movimento de pedestres já é bastante intenso. Nesse momento, o espaço do Largo inicia sua re (criação). Vários microcosmos vão surgindo além daqueles fixos: os

artistas de rua constroem seus territórios temporários, formando pequenos círculos chamados de “roda”, que segundo Carvalho:

É a máxima expressão formal dessa situação de espetáculo. Demarcando seus limites no tempo e no espaço mais amplo da praça, ela define por conseguinte padrões de interação atualizados exclusivamente no seu interior. A despeito de sua efêmera existência, a “roda” assume, no discurso dos artistas, o caráter de entidade quase autônoma, como se, depois de formada, fosse dotada de existência e características próprias: há rodas respeitadas e rodas ameaçadoras, silenciosas e barulhentas, chatas e divertidas (CARVALHO, 1997, p.55).

Essas “rodas”, ou microcosmos móveis, vão aos poucos transformando a paisagem do Largo da Carioca. Os cheiros, sons e cores são mais intensos quanto mais se aproxima o horário de almoço, quando aumenta ainda mais o fluxo de transeuntes circulando pelo Largo. Os pedestres passam. Alguns, apressados, outros param para assistir o que está acontecendo. “O usuário confunde-se com o próprio espaço de que se apropria, fazendo dele uma espécie de palco/platéia onde é ao mesmo tempo ator e espectador”, narra, assim, Carvalho (1997, p.36).

Encontramos diariamente pelo local: vários mágicos espalhados com suas banquetas de trabalho. Esses artistas, em geral, apresentam-se individualmente. Em volta deles formam-se pequenos semicírculos de espectadores, que se revezam ao fim de cada série de apresentações; músicos também podem ser vistos nos dias da semana. Para esses, há territórios demarcados no espaço público, como também os artistas plásticos, pintores e escultores que possuem seus microterritórios marcados na saída do Metrô Carioca em direção a Av. Rio Branco. O célebre saxofonista ‘Ademir’ também se localiza na saída do metrô compondo a *cena*. Além do cotidiano das vozes: gritos em forma ritmada nos discursos fervorosos dos profetas religiosos em nome de Deus, presença também marcante no Largo durante os dias da semana.

Som, música, gritos, orações predominam durante o dia. As práticas sócio-culturais variam com o passar das horas. Ao anoitecer, os artistas de rua se retiram, desconstruindo seus territórios temporários, e chegam ao Largo os vendedores ambulantes. Eles estendem suas lonas azuis no chão, onde expõem suas mercadorias. Não há licença legal para a atividade, mas a Polícia não interfere no trabalho deles. Os vendedores permanecem no local das 18:00 às 21:00 horas,

aproveitando o fluxo de pessoas que atravessam o Largo na volta para suas residências, principalmente aqueles que utilizam o metrô como transporte. É reduzido o número de 'loneiros' que trabalham no local, aproximadamente 5 ou 6. Eles vendem cabides, fitas de vídeo, meias e cuecas, ferramentas em geral. Em entrevista coletada para esta pesquisa, um 'loneiro', que se desloca à noite para o Largo da Carioca, declarou que muitos "colegas" camelôs acham que o Largo não é bom lugar para as vendas, pois as pessoas passam apressadas para voltarem a suas casas, justificando, assim, o reduzido número de 'loneiros' no Largo. O movimento vai se tornando cada vez menor conforme passam as horas. Com o encerramento das atividades do metrô, por volta de 24 horas, o Largo se torna um local ermo e vazio. Para muitos, um espaço temido; a euforia da dinâmica cotidiana se desfaz até as primeiras horas da manhã seguinte, quando recomeçam, no Largo, as atividades frenéticas do dia-a-dia.

A presença dos artistas e dos ambulantes, construindo e desconstruindo seus territórios temporários, utilizando diariamente este espaço público no exercício de suas atividades informais, remonta o início do século XX. As formas simbólicas materializadas no Largo da Carioca qualificam uma singularidade fortemente marcada por personagens de diferentes 'mundos', diferentes olhares e narrativas diversas que se entrecruzam. Será sobre essa dinâmica que nos deteremos a seguir.

3.2) Olhares de quem trabalha no local....

As entrevistas qualitativas dos diferentes olhares, dos personagens, que trabalham no Largo confirmaram que a percepção destes sujeitos/atores apresenta-se bastante heterogênea.

O que mais chama a atenção no Largo da Carioca?

A diversidade dos olhares sobre a mesma *cena* não estão apenas nas formas simbólicas fixas na paisagem, mas também nas práticas culturais existentes no local,

tais como as atividades informais realizadas pelos ambulantes e por vários artistas de rua. As diferentes experiências espaciais fizeram-se presentes nas falas dos entrevistados, como:

“aqui é onde tudo acontece”, ou ainda

“o Largo é o coração do Rio”,

“aqui tenho prazer em ser carioca”,

essas narrativas de fato ratificam a singularidades do Largo, onde o conjunto de formas e práticas culturais despertam tal sentimento. Corrêa, deste modo, afirma, “os símbolos não expressam um único significado, ainda que haja a intenção, por parte daqueles que os criaram, de dotá-lo de um único sentido.” (2007b, p.5). As reflexões de Hall (1997) citadas por Corrêa comungam com nossas idéias, principalmente na perspectiva construcionista, “na qual os símbolos são abertos a diferentes interpretações, calcadas cada uma na experiência, valores, crenças, mitos e utopias do grupo social que interpreta.” O autor acrescenta “Os significados são, assim, instáveis e essa instabilidade atravessa o tempo.” (CORRÊA, 2007b,p.5)

O geógrafo Donald Meinig propõe uma visão da paisagem. Ele considera diferentes olhares, que apesar de observarem a mesma cena, reconhecem e identificam símbolos diversos, em função de sua própria herança e valores culturais. Neste sentido, a partir das narrativas que consideram a polivocalidade presente no Largo da Carioca, refletimos com Meinig:

Há aqueles que observam a cena variada e consideram a paisagem como *natureza*; a paisagem como *habitat*; a paisagem como *artefato*; a paisagem como *sistema*; a paisagem como *problema*; a paisagem como *riqueza*; a paisagem como *ideologia*; a paisagem como *história*; a paisagem como *lugar* e a paisagem como *estética* (MEINIG, 2002, p.35).

Estes múltiplos olhares presentes no Largo da Carioca confirmam a necessidade de qualificar as *paisagens*, de nosso objeto de estudo. Assim, optamos por classificar a partir dos pontos de observação previamente escolhidos para o sucesso dessa pesquisa. Os pontos de observação representam formas simbólicas

já reconhecidas no Largo ao longo de suas transformações. Foram agrupadas em *microcosmos fixos e móveis*. São eles:

Microcosmos Fixos:

- (a) Igreja e Convento de Santo Antônio;**
- (b) Edifício Av. Central;**
- (c) Edifício da Caixa Econômica Federal;**
- (d) Estação do Metrô da Carioca;**
- (e) Três Bancas de Jornais;**
- (f) Cabine da Polícia Militar;**
- (g) Artesãos e Vendedores Autônomos da Feira de Artesanato.**

Microcosmos Móveis:

- (h) Ambulantes;**
- (i) Artistas de Rua.**

O motivo desta escolha para nossa análise será abaixo explicitado:

(a) Complexo Arquitetônico do Sagrado: microcosmo religioso.

Neste estudo entende-se por complexo arquitetônico do sagrado o conjunto de Igrejas que compõem a arquitetura do convento dos franciscanos no local. Criado em 1608 permanece até os dias de hoje em atividades religiosas. Composto pela Igreja-convento de Santo Antônio e Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência pode ser interpretada pelo viés da geografia cultural como fazendo parte de uma *paisagem residual* (COSGROVE,1998), ou seja, testemunho de um tempo passado, ou ainda, nas reflexões de Santos que define “o espaço-paisagem, é o testemunho de um momento, de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada.” (1986,p.138).

Este ano foi uma festa de comemoração dos 400 anos da presença de Santo Antônio no Largo. A identidade católica foi fortemente marcada na festa, perpetuando a manutenção da identidade religiosa e reafirmando o poder no lugar.

O Complexo Arquitetônico do Sagrado devido a imponência e monumentalidade de suas formas, assim como a sua localização privilegiada, no alto da colina marca no largo da Carioca um território religioso (ROSENDAHL, 2003) percebido pelos frequentadores do local. As entrevistas confirmaram o reconhecimento desta forma simbólica para as pessoas que trabalham no Largo. Foi captado que a percepção da *forma espacial* destaca-se como um elemento importante compondo a paisagem e marcando um tempo pretérito impregnado de símbolos ligados ao catolicismo.

“ as grades que contornam a praça”

“gosto dali...”

Estas frases, ditas por um trabalhador retratam a presença do poder religioso no Largo. Em atenção ao simbolismo religioso forte, a metodologia desdobrou-se em duas etapas distintas: primeiramente entrevistamos os frequentadores deste espaço no tempo da festa e num segundo momento os profissionais que atuam no complexo do sagrado diariamente.

O questionamento central foi o mesmo, “O que mais chama a atenção no Largo da Carioca?” Porém aos fiéis aprofundamos o estudo dos significados de tal cerimônia na festa religiosa, dos 400 anos, com seus rituais que se renovam secularmente no Largo.

O tempo sagrado da festa inicia-se com a Trezena de Santo Antônio, período de 13 dias que antecede a festa, que acontece sempre no dia 13 de junho, dia do santo. A permanência deste ritual religioso ratifica o poder da fé e de seus símbolos, que são revividos a cada festa. As missas em vários horários, a ida dos fiéis ao confessionário, a limpeza com água benta, a “busca” pelo “pão bento” símbolo de fartura e prosperidade para a maioria dos fiéis.

A prática religiosa de dar e receber os pãezinhos de Santo Antônio é uma devoção que envolve dois atores distintos. O primeiro é aquele que paga a promessa por graça recebida distribuindo os pãezinhos, o outro é o devoto que vai receber o pãozinho de Santo Antônio, no dia do Santo, na Igreja de Santo Antônio.

“Devoção, união, fé e benção”

“a beleza do lugar”

“o pãozinho bento”

“as missas”

Ao recolher o depoimento dos fiéis em sua devoção foi possível reconhecer que a freqüência desse grupo é uma constante no período de festa. Há devotos que freqüentam o cerimonial a mais de vinte anos. São moradores, em sua maioria, dos bairros da zona sul: Catete, Flamengo e Copacabana possuem representantes. Os bairros da Tijuca, Santa Tereza também estão fortemente representados (ver fotos 1e 2).



Foto 01 – Pátio frontal do complexo religioso no tempo da festa.
MARCIAL, A.P. 2008.



Foto 02 – Escadaria de acesso à Igreja no tempo da festa – MARCIAL, A.P. 2008.

A atividade religiosa de maior público, no ano de 2008, foi a apresentação, pelo pároco, das relíquias de Santo Antônio vindas de Portugal, exclusivamente para a comemoração dos 400 anos.

“É a presença de Santo Antônio entre nós”

Essas foram as palavras mais proferidas pelos fiéis para retratar a religiosidade e o papel social fundamental deste evento anual na manutenção dos símbolos criados pela Igreja Católica. Este tempo da festa reafirma a permanência de uma *paisagem da cultura dominante* (COSGROVE, 1998, p.111), ou seja, “a de um grupo com poder sobre outros, onde os valores culturais que elas celebram precisam ser ativamente reproduzidos para continuar a ter significado. ” Impõe-se e se mantêm fixas, desse modo, suas formas residuais apresentadas por uma matriz cultural (Igrejas Católicas) que resiste ao novo contexto urbano do século XXI, confirmando seus símbolos e rituais durante séculos. (ver foto 3)



Foto 03 – Complexo Arquitetônico do Sagrado.

MARCIAL, A.P. 2008

No segundo momento, fora dos festejos de Santo Antônio, privilegiaram-se os profissionais que atuam no complexo religioso. Foram escolhidos seis agentes sociais com funções diferentes na Igreja-convento, a saber: o frei franciscano, o segurança, o mesário, o porteiro que também vende livros sobre a história das igrejas franciscanas, o ascensorista do elevador e o auxiliar de manutenção. As narrativas com relação ao que mais chama a atenção no Largo da Carioca foram de indignação, pois para eles, o Largo da Carioca possui a Igreja e só.

Os alunos-entrevistadores relataram terem tido dificuldade para a obtenção das informações neste microcosmo. Destacaram que de maneira geral, todos foram pouco solícitos a responder as questões, alguns alegaram que a pesquisa principal deveria ser sobre a igreja e não sobre o Largo, mas uma vez confirmando a super valorização desta forma simbólica no lugar.

Cabe ressaltar, também, a percepção destes profissionais que atuam no cotidiano do Largo e valorizam sobremaneira o complexo do sagrado como a forma de maior destaque, reconhecendo esta paisagem como *história* (MEINIG, 2002, p. 42) “ para tal observador tudo que se estende à frente de seus olhos é um complexo registro cumulativo do trabalho da natureza e do homem em dado lugar.” O reconhecimento desta *forma simbólica* como marca de um tempo passado se confirma na fala daqueles que vivenciam dia-a-dia o espaço.

“A Igreja de Santo Antônio representa a história do lugar”

“Se o corpo precisa de alimento a alma precisa da religião.”

Com esta narrativa temos explicitado o porquê da ida ao santuário tanto no tempo da festa quanto no tempo cotidiano em intervalos semanais. Observem-se ainda os fiéis que comparecem nos dias 13 de cada mês em devoção ao dia 13 de junho, dia da festa maior.

(b) Hotel Avenida, Galeria Cruzeiro, Ed. Av. Central: *forma* mutável de *símbolos* contínuos.

Datado de 1911 o luxuoso Hotel Avenida abrigava, na época, quatro andares. Em seu andar térreo, localizava-se a famosa Galeria Cruzeiro centro de divertimento dos cariocas. No entanto, com o crescimento da Cidade e a necessidade de implantação de formas modernas, verticais, para ampliar a oferta de comércio e serviços, o edifício foi demolido e no mesmo local foi construído o então conhecido Edifício Avenida Central. A partir de 1961, passou a fazer parte da paisagem do Largo da Carioca e, como o próprio nome diz, repleto de *centralidades*, gerando os mais variados *fluxos*, que vão buscar produtos e serviços, satisfazendo as necessidades de consumo da população.

O edifício Avenida Central localiza-se em frente ao morro de Santo Antônio. É um edifício moderno, “(...) o primeiro do Brasil, a ser construído com estrutura metálica, as quais foram fabricadas pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).”(RAMOS,2001:57). Tinha como objetivo ser um prédio comercial, o que já era uma tendência na década de 1960: edifícios estritamente comerciais e de serviços. Conta com trinta e quatro pavimentos, além de dois subsolos. No contexto da época de sua construção foi considerado o imóvel mais alto da cidade, impondo à paisagem carioca uma verticalização urbana, em prol do desenvolvimento de um modelo capitalista implantado em todo o Brasil.

Hoje o edifício representa um marco de modernidade na cidade do Rio de Janeiro, contando com vários serviços, em suas 1200 salas, tais como: imobiliária, escritórios de advocacia, escritórios de contabilidade, consultórios médicos, dentistas, agências de turismo, agências de publicidade, escritórios de engenharia, administradoras de bens, laboratórios de análises clínicas, entre outros. Contando também com alguns pavimentos que abrigam aproximadamente 200 lojas: bares, restaurantes, livrarias, lojas de informática, sex shop, joalheria, material esportivo, sebos, butikues, alfaiataria, cabeleireiro, papelarias, tabacaria, copiadora, entre outros.

Sendo assim pode-se compreender este edifício como um *fixo social* repleto de *centralidades*, que atrai todos os dias um grande número de pessoas que procuram em seu interior satisfazer suas necessidades de compras e/ou serviços. O Edifício Avenida Central abriga o bastante conhecido *Shopping de Informática*, onde se encontram inúmeras lojas especializadas em tal setor. Desse modo, sua divulgação vem reafirmando a imagem do local também como *shopping*. Os serviços ligados à área de informática ocupam os dois primeiros andares do prédio, tornando-se visível o processo de *coesão* das atividades.

O *edifício-cidade*, como também é conhecido, vêm apresentando desde sua criação até os dias atuais uma gama bastante variada de produtos, e principalmente de serviços. Esta *forma simbólica* representa uma *centralidade* importante no Largo da Carioca, contrapondo-se com a paisagem do complexo do sagrado, deixando clara a idéia do mosaico de paisagens construídas e reconstruídas pelos homens com temporalidades distintas no espaço.

Podemos interpretar este *fixo social*, que atrai diariamente um grande contingente de freqüentadores como uma *forma simbólica* que além de sua grande importância por conter diversas funções em seu interior, transmite aqueles que freqüentam ou simplesmente circulam pelo largo da Carioca a imagem de modernidade.

Em nossa análise dos signos e significados marca/matriz do Largo, ouvimos relatos de profissionais que atuam como vendedores neste edifício nos seguintes segmentos: móveis para escritórios, artigos orientais, informática, celular, sex-shop, agência de turismo. O tempo de trabalho destes profissionais nos fez refletir sobre a fluidez presente em tais atividades, visto que a maioria deles estão empregados

nestas lojas há menos de cinco anos. As narrativas dos olhares do Largo da Carioca retratam qualitativamente a diversidade,

“o grande movimento de pessoas no local”

“oportunidade de negócios”.

“violência durante o dia e a noite”

Ao reconhecer o Largo da Carioca como um local marcado pelo “grande movimento de pessoas” e atribuindo-lhe, assim, uma característica relacionada a “oportunidades de negócios”, estamos em conformidade com o pensamento de Meinig que destaca a existência de paisagens como *riqueza* em que “as pessoas estão acostumadas a ver cada *cena* com os olhos de um avaliador profissional, atribuindo um valor monetário a tudo o que vêem” (2002, p.41). O Largo da Carioca é portanto reconhecido por alguns trabalhadores que atuam ali como um local de oportunidades de negócios. Os olhares da mesma *cena* favoreciam a frase complexa: (ver fotos 04a e 04b)

“aqui é o lugar onde tudo acontece”,



Foto 04a – Lugar onde tudo acontece
MARCIAL, A.P. 2008



Foto 04b – Lugar onde tudo acontece

MARCIAL, A.P. 2008.

Confirma-se, dessa forma, a enorme *centralidade contrastante* que o geógrafo Mello (1995) define como “centralidades de diferenças consideráveis que podem amalgamar-se em um mesmo local”. Ainda em suas reflexões, Mello cita o Largo da Carioca, destacando que esta praça:

se notabiliza por manifestar centralidades destoantes, seja a centralidade proporcionada como elo de ligação entre vários pontos da área central e, por isso mesmo, muito prestigiada por pedestres e ambulantes, seja a centralidade espiritual desenvolvida no convento de Santo Antônio, ou a centralidade referente as finanças (...) (MELLO, 1995, p.28).

Aos símbolos religiosos e aos símbolos do capitalismo presentes acrescenta-se as práticas culturais simbólicas dos representantes do mercado informal. A entrevistada, uma moça de 25 anos ao ser questionada sobre o que mais lhe chama a atenção no Largo, inicialmente disse que era a

“música dos ambulantes é muito irritante”.

A diversidade do Largo é fortemente representada por práticas culturais cotidianas de apropriação do espaço por ambulantes, entre outros. Transforma-se nesta

observação, um elemento na construção de uma cartografia que destaca o sentido da audição, neste caso, como perturbador. Neste mesmo depoimento há referência a um passado não vivido ao mencionar que,

“gostaria de ter conhecido a lagoa”.

Essa narrativa é interessante porque remete à memória de um espaço-tempo não vivido do “Velho Largo”, construída em seu imaginário, através de fotos e ilustrações desse passado. O pesquisador Celso Pereira de Sá em seu texto *As Memórias da Memória Social* aponta para a existência de uma memória social “que se constitui a partir de documentos históricos que incluem todos os registros de que as pessoas e grupos se valem para lembrar o passado ou dele construir representações, incluindo-se aí fatos que eles não tenham chegado a testemunhar.” (SÁ, 2005, p.77)

O geógrafo Mello, em seu texto *“Espaço, Lugar e “deslugar”* (1997) nos indica uma reflexão de leitura desta memória pretérita, quando argumenta que “os lugares do passado, carregados de satisfação, reminiscência e felicidade, são transmitidos com saudosismo e sapiência, o que faz com que outras pessoas, por eles também se afeiçoem.” (1997,p.100) As imagens construídas através da história, ilustrações do passado tem o poder de despertar, mesmo em gerações futuras um sentimento de saudosismo, de querer viver um espaço-tempo “mítico”, “ideal”. Tal percepção nos abre outros caminhos de interpretação dos espaços nas cidades, que talvez possam sim, ser reconstruídos e *rememorados* através de sentidos ligados a decodificação de símbolos e signos construídos no imaginário da população através de pinturas, ilustrações, fotografias, textos literários, crônicas, romances entre outros.

Cabe destacar que os alunos-entrevistadores tiveram dificuldades em seu trabalho de campo. Eles relataram sobre o papel fundamental do tempo/hora na dinâmica e relação com o espaço. A reação destas pessoas ao serem entrevistadas, foi de relativo incômodo, visto que estavam em seu horário de trabalho, exercendo suas funções enquanto vendedores, e na lógica deste mundo “tempo é dinheiro”, por

isso não poderiam perdê-lo fornecendo dados aos entrevistadores. Não estavam pré-dispostos a narrativa.

(c) Caixa Econômica: gestão federal no Largo da Carioca, santuário do capital.

Esta forma simbólica possui o poder político e econômico. Representa uma *centralidade* específica no Largo da Carioca. Marca assim, uma *territorialidade econômica*, reconhecida por suas funções bancárias. Fazendo parte, portanto, do contexto que compõe a diversificada e complexa paisagem do Largo da carioca. Suas formas também são modernas, marcadas pela arquitetura difundida no século XX.

Foram entrevistados profissionais que exercem as seguintes atividades: bancária, servente, supervisor, professora de artes. Estes funcionários atuam há menos de cinco anos em seus empregos, o que confirma uma relativa fluidez neste espaço formal caracterizado por ser uma instituição financeira federal.

Os alunos-entrevistadores que aplicaram as entrevistas neste fixo social relataram que não conseguiram colher as informações dentro da Instituição – Caixa Econômica Federal, porque os funcionários por eles abordados dentro da agência, e até mesmo os seguranças, disseram que não poderiam dar informações sem a autorização de seus superiores. Só conseguiram realizar as entrevistas no Centro Cultural da Caixa. Ao interpretar tais comportamentos, afirma-se como um resguardo por parte dos funcionários que atuam neste espaço formal, com normas e regras claras, onde a lógica da obediência aos padrões criados pela empresa constituem-se em um *limitador* para o comportamento daqueles que vivenciam tal espaço. Apesar das dificuldades em coletar as narrativas desses profissionais, citamos abaixo algumas, mesmo que curtas:

“a praça cercada”

“complexo arquitetônico do sagrado”

“o contraste das arquiteturas e a própria história do Largo”,

“grande movimento de pessoas”

Mais uma vez a *forma simbólica* mais citada, logo reconhecida na paisagem é a do complexo religioso, que devido a sua própria monumentalidade destaca-se na paisagem como *história* “(...) cada paisagem é uma acumulação. O passado é durável e reflete-se nas marcas das formas construídas pelos antepassados podendo formar uma matriz mais rígida mesmo em áreas em processo de mudanças rápidas” (MEINIG, 2002,p.43) . Ver fotos 05a e 05b.



Foto 05a – “O contraste das arquiteturas” MARCIAL, A.P. 2008.



Foto 05b – “O contraste das arquiteturas”. MARCIAL, A.P. 2008

Pode-se inferir que o olhar daqueles que trabalham no local não se limita só aos elementos fixos na paisagem, mas também se amplia à “história” do Largo e a uma memória construída através de imagens do passado, sem de fato ter sido vivenciada. Mandoki (2003) em suas reflexões sobre o espaço vivido nos desperta também para este olhar, onde coloca que “os lugares são carregados de memórias pessoais e coletivas, marcadas por significados emocionais, históricos ou materiais.”¹¹. Reforça-se assim, a idéia de considerarmos nas análises geográficas, o papel deste imaginário pretérito na construção e reafirmação das *formas simbólicas espaciais* nas cidades.

¹¹ “ (...) places as being charged with specific personal or collective memories, stamped with emotional, historical, and material meanings.”

(d) Estação Metrô Carioca: o trem substitui o bonde no Largo.

Este fixo exerce uma centralidade relevante no Largo da Carioca, representa uma das estações de maior fluxo de usuários no sistema metroviário, trazendo e levando milhares de pessoas todos os dias, que saem de seus túneis subterrâneos e invadem a superfície. O metrô que foi construído na década de 1970 apresenta-se como um símbolo de modernidade, uma obra monumental. Entretanto é curioso observar o comportamento distinto que as pessoas têm nas dependências do metrô e fora delas. Como descreve muito bem Mello, (1995, p. 30) “nas estações do metrô, munidas de sistemas de ventilação e ar condicionado, com forte luminosidade, conforto, segurança e escadas rolantes, entre outros atributos, persistem as regras da educação ocidental”. Destaca em sua análise a relação entre o comportamento dos indivíduos e a dimensão espacial, colocando que,

os usuários, solícitos falam baixo, não fumam ou jogam qualquer espécie de lixo no chão. Em contraponto, na parte superior da estação do metropolitano – o solo artificial ou laje, que separa mundos absolutamente opostos – pulsa um cenário com uma mixórdia de acontecimentos comuns, incongruentes e inusitados (MELLO, 1995, p. 31).

Pode-se compreender, no entanto que, o metrô representa um símbolo claro de uma cultura capitalista dominante que impõe de forma sutil aos cidadãos, atitudes e comportamentos que se consideram adequados àquele ambiente e que por isso devem ser seguidos por todos os usuários. Estes comportamentos confirmam as idéias de que os espaços vivenciados pela população usuária deste meio de transporte são *formas* carregadas de símbolos construídos por determinado grupo social – a empresa enquanto instituição formal – com a intenção de promover tais comportamentos. A vigilância e obediência às normas e regras impostas também foi verificada nos discursos daqueles que trabalham nesta instituição. O espaço formal de trabalho impõe também aos funcionários comportamentos condizentes com as normas da Instituição, onde uma simples conversa informal pode não ser bem vista e aceita pelos superiores.

Nesse sentido concorda-se com o pensar do geógrafo Cosgrove quando alerta para a existência de uma paisagem que pode ser lida como sendo uma *paisagem da cultura dominante*, que o autor define como “cultura dominante a de um grupo com poder sobre outros”, onde ele alerta que a reprodução deste poder se reafirma:

por sua capacidade de projetar e comunicar, por quaisquer meios disponíveis e através de todos os outros níveis e divisões sociais, uma imagem do mundo consoante com sua própria experiência e ter essa imagem aceita como reflexo verdadeiro da realidade de cada um (COSGROVE, 1998: 111-112).

Sendo assim este microcosmo presente no Largo da Carioca, que parece a primeira vista separar mundos distintos, na verdade não os separa, mas sim segrega aqueles que não condizem com as normas e regras impostas aos usuários. Estes excluídos permanecem nas escadas de acesso mendigando trocados, dividindo o espaço. De um lado: pobre, sujo, atrasado e deficiente, de outro lado: rico, limpo, moderno e eficiente (Ver foto 06a e 06b).



Foto 06a - Saída do Metrô – Convento - Estação Carioca. MARCIAL, A.P.2008



Foto 06 B – Interior da Estação Carioca. MARCIAL, A.P, 2008

Nesse espaço formal da estação do Metrô Carioca aplicamos entrevistas, com funcionários que atuam em diferentes setores no subterrâneo: promotor de vendas; operador de xerox; vendedora de biscoito; balconista; recepcionista; promotora do Metrô e segurança. Os olhares daqueles que trabalham, portanto passam pelo menos oito horas de seus dias nas dependências do Metrô, com relação ao que mais lhes chama atenção no Largo da Carioca, confirmou mais uma vez os diferentes olhares que temos sobre o local. Eles destacaram:

“arquitetura do Largo onde convivem formas modernas e antigas, representadas pelas Igrejas e os ed. Avenida Central e Caixa Econômica”.

Além é claro de reconhecerem e quase todos expõem em suas falas como característica marcante no cotidiano do local um,

“grande movimento de pessoas”

Outra narrativa curiosa diz respeito à atividade dos artistas de rua. A entrevistada assinala:

“os artistas de rua roubam a atenção do mosteiro”

“nós aqui, no Metrô, estamos escondidos”

As falas nos remetem a uma interpretação da polivocalidade do Largo, onde mais uma vez percebe-se que tais olhares não se restringem as formas simbólicas fixas/materializadas na paisagem, mas também ao reconhecimento das práticas culturais territorializadas cotidianamente no lugar.

(e) Bancas de jornais: fixos voltados para o Largo.... olhar mais amplo da dinâmica cotidiana.

A atividade profissional exercida por estas três bancas de jornal que se localizam no Largo, nos remete ao passado, esta atividade de venda de jornais e revistas aparece em relatos históricos de cronistas como Luis Edmundo (1957) e João do Rio (1991). Devido a posição destas bancas, voltadas para “dentro” do Largo, os três entrevistados – proprietários - apresentam uma visão peculiar do movimento e dinâmica cotidiana da praça. Um deles encontra-se no local há 34 anos, desde os 13 anos de idade; o outro há 28 anos e o mais novo está a apenas 1 ano e meio. As narrativas destes profissionais condizem com sua posição no sentido de reconhecerem e exporem em suas falas que o que mais se destaca é, (ver foto 07),

“grande fluxo de pessoas”,

a “diversidade cultural”, e os

“diferentes níveis sociais”



Foto 07 – Diversidade cultural e apropriação do espaço público.
MARCIAL, A.P. 2008.

Estas são marcas presentes no dia-a-dia do Largo da Carioca. Reconhecem a intensa apropriação do espaço público que compreende o Largo pelos artistas de rua e ambulantes, assim como,

“a falta de segurança, a mendicância, os roubos e o abandono do Largo”.

Um dos entrevistados reafirmou,

“Têm policiamento, mas nunca estão perto quando as coisas acontecem”.

Podemos inferir sobre estes olhares como sugere Meinig (2002) que esta paisagem é decodificada por estes profissionais que acompanham diariamente a dinâmica do Largo, como uma paisagem *problema*, onde eles ressaltam em suas

falas aquilo que consideram como aspectos negativos presentes no local. “A paisagem não é vista como um problema em seu sentido científico da necessidade do conhecimento para uma melhor compreensão, mas como uma condição que necessita de correção.” (MEINIG, 2002, p.40)

(f) Cabine da Polícia Militar: forma que atravessa o tempo.... marca da ordem e segurança pública.

No início chamava-se “guarda permanente de quadrilheiros”, instalados no Largo desde o século XIX, quando a cidade já apresentava um crescimento considerável e fazia-se necessário impor a ordem e segurança no local. Localizava-se na rua da Guarda Velha, atual Avenida Treze de Maio. Esta função de policiamento permanece no Largo, agora situada no meio da praça, em frente ao portão principal de acesso ao Metrô, no corredor principal de passagem dos transeuntes que circulam diariamente no local. Assim, como nas bancas de jornal, possuem uma posição privilegiada, de onde acompanham todo o intenso fluxo cotidiano. Os policiais entrevistados cumprem um ritual de revezamento no local, visto que apenas um deles está no largo há mais de cinco anos. Os pontos reconhecidos e destacados por eles passam pela percepção de outros profissionais entrevistados, como,

“o grande número de pessoas,

“o excesso de ambulantes”

Esses profissionais também destacaram em seus relatos a presença dos artistas de rua, porém reconhecem que por vezes estes podem lhes trazer problemas, devido as atividades que exercem no local agregando um número maior de pessoas que param para assistir os espetáculos. Os policiais apontaram como pontos negativos o

“grande número de moradores de rua e a falta de limpeza”.

Estes olhares se aproximam daqueles relatados pelos profissionais que atuam nas bancas de jornais. A posição em que se encontram em relação ao Largo lhes confere uma visão mais detalhada das práticas sócio-culturais cotidianas no lugar. Os policiais também apontam para a percepção de uma paisagem como *problema* (Meinig, 2002). Neste sentido, a “paisagem evoca indignação e alarme, é um espelho dos malefícios de nossa sociedade e clama por mudanças.” (MEINIG, 2002, p.40)

Um ponto curioso nas narrativas dos PMs foi o fato de terem destacado que no Largo da Carioca circulam diariamente “*lindas mulheres*”.

(g) Artesão e vendedores de Artesanato do Largo da Carioca: a *feira* dinâmica de sons, cores e sabores.

A feira encontra-se localizada paralela a lateral do edifício da Caixa Econômica Federal organizada pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, permite que barraqueiros possuam licença à comercialização de artigos artesanais. São barracas padronizadas, dispostas formando um corredor. Nelas encontram-se artigos em couro: bolsas, cintos, pastas, malas; bijouterias; artigos em renda: toalhas, panos de prato, de mesa; flores artificiais, redes artesanais; artigos esotéricos: velas perfumadas, incensos, pedras, e além dos artigos artesanais encontram-se também produtos industrializados, tais como camisetas estampadas, pilhas, lanternas, roupas infantis de malharias, entre outros. Há também barracas que oferecem alimentos já prontos para o consumo. A barraca da “baiana Cida” é uma delas, com os tradicionais quitutes da cultura alimentar dos afro-brasileiros. O sabor do acarajé e seu aroma identificam de imediato a procedência, as roupas brancas, que as mulheres usam, ajudam a caracterizar o visual. É a presença alimentar de outro lugar que não é carioca. Nesta barraca é possível acompanhar a feitura dos quitutes. Desse modo, pela alimentação, o consumidor fortalece sua

aceitação da cultura do outro, no caso do nordestino, na cidade do Rio de Janeiro. A outra barraca vende sucos e vitaminas energéticas.

As narrativas ouvidas foram dos profissionais que se identificam como vendedores e artesãos. Neste ponto de observação destacamos um elemento novo que não foi verificado nos espaços formais citados anteriormente. Na Feira de Artesanato há uma maior permanência dos profissionais no local, talvez por caracterizar-se como uma atividade comercial informal. A maioria dos entrevistados diz estar atuando no Largo há mais de dez anos. Quatro dos sete entrevistados estão no local há mais de vinte anos. Esta permanência prolongada comprova uma certa diferença dos espaços de trabalho que consideramos formais que apresentam uma maior fluidez com relação a mão de obra profissional.

A localização dos profissionais informais e seu tempo de permanência em pontos fixos os transformaram em observadores contínuos da dinâmica do lugar. Abrem suas barracas pela manhã e permanecem no local até o fim da tarde, atendem todos os tipos de público que freqüentam o Largo. Esse “espaço da rua” como o espaço do trabalho destas pessoas influencia sobremaneira seus olhares. As formas simbólicas fixas não foram muito citadas por eles em suas narrativas. Os olhares são mais atentos para as práticas sócio-culturais presentes neste cotidiano.

“diversidade cultural”,

“artistas anônimos, estátuas vivas”,

“músicos peruanos, indianos”,

“ pintores”,

“acrobatas”,

“as vezes aparecem travestis, tem de tudo aqui”,

“a intensa movimentação de pessoas”,

“aqui é o lugar onde tudo acontece”,

“aqui é o coração do Rio de Janeiro”.

Estas frases clarificaram o que mais chamou a atenção, no olhar destes trabalhadores no Largo da Carioca. Na verdade são reconhecidos como símbolos da diversidade presente no Largo. A centralidade que exercem é reconhecida por eles mesmos. O olhar do artista para o outro artista! (ver fotos 08a e 8b)



Foto 8a Artista de rua – estátua representando um agricultor. MARCIAL, A.P. 2008



Foto 8b Roda de artistas de rua em apresentação.

MARCIAL, A.P.2008

(h) Ambulantes: os pregões das mercadorias.

Estes sujeitos/atores são vistos todos os dias, de segunda a sexta-feira, no largo e pelas ruas da cidade, compõem um grupo social que em sua maior parte trabalham individualmente, carregando suas mercadorias nas mãos ou em barracas móveis. São considerados em nosso estudo como *microcosmos móveis*, por não possuírem um ponto fixo formal e legal para o desenvolvimento de sua atividade, porém são considerados microcosmos por interagirem, no caso específico do Largo da Carioca, com os demais grupos sociais que se utilizam de alguma maneira deste espaço público no centro da cidade. De forma relativamente organizada apropriam-se diariamente deste espaço negociando suas mercadorias.

Caracteriza-se como um espaço da informalidade apresentando uma grande diversidade e fluidez com relação aos atores que atuam na praça. Temos ambulantes que se encontram no local há 20 anos e outros há poucos meses. Entrevistamos ambulantes que atuam vendendo vários produtos e serviços: rosas, livros, alimentos, tais como: água de coco, tapioca, sucos, empadas, doces, churros, fazem reforma de sapatos e o tradicional vendedor de *chumbinho mata rato* que encontra-se no mesmo ponto no largo há vinte anos com esta mesma atividade. Localiza-se sempre em frente as grades que circundam o complexo religioso, depois da cabine de polícia, em direção a Avenida Almirante Barroso. As vezes leva uma mulher consigo para ajudar nas vendas, pode ser visto todos os dias da semana, porém com maior frequência no período da tarde. Suas vozes imprimem no Largo da Carioca uma linguagem popular e familiar da praça pública. Eles gritam em voz alta, dando-lhes uma forma ritmada e rítmica,

Chumbinho mata rato! Mata rato!! Mata rato!!! Só paga um real! Um real!! um real!!!

Chumbinho mata rato! Mata rato!! Mata rato!!! Só paga um real! Um real!! um real!!!

A venda de *chumbinho mata rato*, no século XXI, em meio a modernidade de edifícios, parece que retrocedemos no tempo da virada do século XIX para o XX quando a proliferação destes animais transformou-se em um problema de saúde pública para o Rio de Janeiro. A modernidade chega, mas alguns problemas urbanos parecem não ter solução...

A percepção destes ambulantes sobre o Largo é semelhante a dos outros microcosmos que caracterizam um espaço marcado pela atividade informal. Por circularem livremente por todo o Largo, tem no espaço público o seu local de trabalho, neste sentido as relações de sociabilidade entre os diferentes grupos que compõem esta *cena* foram narradas por estes atores/espectadores deste palco da vida. Frases como,

“o Largo da Carioca é um mercado, chama atenção pela diversidade do público.”

“Seja rico ou pobre todos freqüentam o Largo.”

“a diversidade cultural”,

“os artistas de rua que todos os dias alegram o local”

“a quantidade de pessoas que passam por aqui”

“o prazer de ser carioca”

Estes são alguns olhares que perpassam no imaginário destes ambulantes que atuam diariamente no Largo. A percepção parece estar mais voltada para a dinâmica entre os sujeitos do que o reconhecimento das formas materializadas na paisagem. Citaram a atividade dos artistas de rua, mais uma vez reconhecendo esta atividade como uma marca no centro da cidade do Rio de Janeiro, a atuação de *performers*, músicos, profetas religiosos entre tantos outros artistas anônimos que compõem esta paisagem aparece no discurso dos ambulantes. Em seus olhares qualificaram também, aspectos que consideram como negativos no local tais como a,

“pobreza, mendicância e o grande número de moradores de rua”

“assaltos e falta de policiamento”

Tais olhares apontam mais uma vez para o reconhecimento desta paisagem como *problema*. (MEINIG, 2002). Estes personagens que compõem diariamente a paisagem do Largo da Carioca vendendo suas mercadorias constituem uma paisagem que pode ser interpretada, como sugere Cosgrove (1998), como uma *paisagem dos excluídos*. Em realidade, este tipo de trabalho informal, tem tornado-se cada vez mais freqüente nas grandes cidades brasileiras, onde as oportunidades

de emprego e ascensão estão cada vez mais distantes desta camada mais pobre da população. Restando-lhes assim, o espaço público como alternativa de sobrevivência.

(I) Artistas de Rua

O universo das artes de rua é heterogêneo e está em processo constante de transformação. Dele fazem parte tanto artistas e trupes profissionais quanto artistas anônimos e, no mais das vezes, sem registro profissional. Os freqüentes deslocamentos, dentro e fora da cidade e mesmo do país, encarregam-se de separá-los e juntá-los, por períodos mais ou menos longos, independente de suas artes e origem. O espaço privilegiado desses encontros e desencontros é a praça pública: ao mesmo tempo, espaço aberto a quem chega e ponto de partida para quem se lança a outras 'aventuras'. Para uns, ela é apenas uma passagem, para outros, é o compromisso diário de muitos anos.

Este microcosmo móvel composto pelos artistas de rua marca uma territorialidade temporária, sendo construído e desconstruído dia após dia. Nesta dissertação, para efeitos analíticos, consideramos artista de rua todo indivíduo capaz de, através de uma *performance*, atrair e entreter um público numa *situação de espetáculo*. Os artistas que se apropriam deste espaço público trabalham individualmente, ou em grupos. É uma atividade que se faz presente no Largo há muitas décadas, garantindo o sustento destas pessoas, e que já se tornou marca na Cidade do Rio de Janeiro. Há no Largo da Carioca, um processo controvérsico. Ao mesmo tempo em que alguns artistas se "fixam", marcando seus territórios temporários dia após dia, há também aqueles que, por acordos, permanecem por tempo determinado de duas semanas, um mês ou mais. Estes são artistas viajantes que rodam o país levando seus espetáculos e por esse motivo, quando menos se espera, deixam de fazer parte da paisagem do Largo.

Neste estudo, os artistas entrevistados estão classificados como: pintores, músicos, *performers*, profetas religiosos. Alguns destes personagens encontram-se atuando no local há mais de vinte anos, Mas também encontramos artistas recém-

chegados ao Largo, que já se mostram familiarizados com a dinâmica diária do vai-e-vem urbano. As narrativas construídas por este grupo se assemelham a dos ambulantes. Devido ao fato de terem o espaço da rua como seu local de trabalho, estes artistas reconhecem com maior intensidade os aspectos relacionados as dinâmicas sócio-culturais presentes no Largo, e menos intensidade as *formas simbólicas* materializadas na paisagem. Esses variados grupos de artistas qualificam o Largo da Carioca como:

“aqui é o local de encontro das artes”,

“é o coração da cidade do Rio de Janeiro”

“aqui passam muitas pessoas interessantes para conversar, ‘trocar’ idéias”

O reconhecimento destes atores que atuam neste palco urbano perpassa pela identificação do Largo como um local de grande convergência de linguagens artísticas. (ver fotos 09a e 09b).



Foto 09a – roda da Cia de Teatro Sacra Folia. MARCIAL, A. P. 2008



Foto 09b – Artistas plásticos e artesãos. MARCIAL, A.P. 2008

Apresentam-se músicos de diversos estilos, inclusive de outras nacionalidades, como é o caso de um grupo de bolivianos que trazem o som de seus instrumentos inspirados em uma tribo da Bolívia chamada Tobas. O saxofonista paulista Ademir que apresenta suas canções há vinte e cinco anos na saída da estação do metrô Carioca diz ter “lançado a música no metrô carioca.” (ver foto 10). Na fala destes artistas, a vida assim na informalidade é percebida como uma vida mais ‘livre’ e, portanto, mais agradável. Este estilo de vida ‘saltimbanco’ ou ‘mambembe’ atrai para o Largo, artistas que reconhecem as vantagens de trabalharem por conta própria expondo para o público apressado da cidade sua arte.



Foto 10 Saxofonista Ademir – ‘música no metrô da Carioca’. MARCIAL, A.P.2008.

Podemos refletir com Cosgrove (1998) como uma *paisagem alternativa excluída*, onde predomina um uso do espaço urbano de maneira informal, por um grupo social plural que não é reconhecido oficialmente por instituições formais. Sendo assim, estas pessoas contam com a solidariedade e as regras de negociação que criam entre eles mesmos, estabelecendo os limites de convivência pacífica entre todos os que se utilizam deste espaço público. Como Carvalho (1997) apresenta em sua pesquisa,

O acordo sobre a utilização do espaço público é feito entre eles mesmos, conforme “o tempo que se tem de rua”, sendo que os mais novos devem aceitar os espaços liberados pelos mais antigos, que mantêm seus pontos fixos... De pequenos acertos informais são feitas as regras que devem ser respeitadas por todos aqueles que, de uma forma ou de outra, tiram seu sustento do Largo da Carioca (CARVALHO, 1997, p.40).

Outros personagens, que professam suas religiões no Largo – os profetas urbanos – também são marcas no dia-a-dia do local. Neste estudo entrevistamos um casal que pertence a denominação Batista, trabalham no Largo há três anos, em um projeto de sua igreja - “Missão na Praça”. Localizam-se diariamente marcando seu micro-território em um recanto do largo. São naturais do Paraná, e se identificam como missionários. Através de suas canções divulgam a ‘palavra’ de Deus e promovem a venda de seus CD’s. A narrativa do casal sobre o que mais chama atenção no Largo é como dito por eles,

“aqui temos liberdade de expressão”

Porém esta fala veio acompanhada do discurso que confirma os acordos sobre o uso deste espaço público por diferentes ‘atores’. O casal colocou que no início de suas atividades tiveram problemas com a Polícia e com alguns artistas do local. Hoje, porém já estão estabelecidos no Largo. As territorialidades são feitas entre eles, com regras que devem ser respeitadas por todos que usam o Largo para seu sustento social.

Mais do que um ambiente físico, esta praça é o ponto de encontro de diferentes visões de mundo que se emancipam e brincam com a ordem oficial dominante, visões de mundo essas que encontram nos pequenos ofícios, na arte e na diversão, não só estratégias de sobrevivência, mas também meios de expressão simbólica da sua *verdade*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Largo da Carioca entendido como um espaço público, localizado na área central da Cidade do Rio de Janeiro parece ao longo do tempo ter representado um espaço de vivência e encontro de múltiplos atores do cotidiano carioca. Esta característica foi reforçada ao longo do tempo com as diferentes *camadas de densidade* que foram se constituindo.

Retornamos ao século XVII, quando se constituiu a primeira *camada de densidade simbólica*, imprimindo a partir da construção do complexo religioso uma forte centralidade no Largo. Esta camada atribuiu ao espaço, ainda no período colonial, uma função religiosa e contribuiu para o crescimento da Cidade. Em seguida, o abastecimento e a distribuição de água, através de chafarizes instalados no Largo, intensificaram o movimento de pessoas. Isso atraiu novas funções e ajudou a reafirmar o Largo como um local marcado por uma centralidade que começa a se caracterizar pela presença constante de grupos sociais distintos, “um lugar de muita mistura”. Essa segunda *camada de densidade simbólica* criou uma singularidade na praça relacionada à reunião de pessoas de classes sociais diferentes, visões de mundo e estilos de vida distintos. Ainda hoje essas visões e estilos de vida estão representados no Largo pela atividade cotidiana de ambulantes e artistas de rua e pela intensa circulação de executivos, secretárias, *office-boys*, entre outros profissionais dos escritórios e empresas que se localizam nos arredores e circulam diariamente pela praça. A reforma do “Bota-abaixo” caracteriza a terceira *camada de densidade simbólica*. Esta reforma alterou várias *formas simbólicas espaciais* existentes no Largo, porém as práticas culturais cotidianas, representadas pela apropriação deste espaço público por diferentes sujeitos/atores, ao longo dos séculos, permanecem presentes no local. A última *camada de densidade simbólica*, constituída e identificada neste estudo, refere-se à política pública de transportes. Inicialmente com a implementação do terminal de bondes, o famoso ‘Tabuleiro da Baiana’ no Largo, e posteriormente com a construção do Metrô – Estação Carioca que intensificou mais uma vez e fortaleceu a centralidade no Largo. Este importante meio de transporte contribuiu para mais um impulso no crescimento e espraiamento da Cidade durante o século XX, reafirmando a *densidade* deste espaço capaz de

atrair para lá milhares de pessoas que atravessam, circulam, permanecem, enfim, se utilizam deste espaço em seu cotidiano.

A praça denominada Largo da Carioca é, portanto, carregada de *formas simbólicas*, materiais e imateriais, pretéritas e modernas, impregnadas de significados. A partir das narrativas construídas por aqueles que trabalham no local, confirmamos que, de fato, quando analisamos o espaço a partir de uma abordagem cultural com a preocupação em compreender e decodificar os significados para as pessoas que vivem seu cotidiano, encontramos uma multiplicidade de olhares, uma heterotopia. Tais significados perpassam experiências culturais individuais dos entrevistados, mas também percebemos claramente o quanto as formas simbólicas presentes no Largo criam certos comportamentos nos indivíduos, condizente com a própria função que tais formas exercem no local.

A análise das experiências de interação na aplicação das entrevistas serviu como um elemento importante para a decodificação de tais comportamentos e dinâmicas sócio-espaciais presentes no Largo. As instituições formais – Caixa Econômica Federal, ‘templo do capital’, e o Complexo Arquitetônico do Sagrado – parecem provocar em seus funcionários uma disciplina e obediência às ordens impostas, em que não parece haver possibilidade de revelarem opiniões ou participarem de uma pesquisa sem o prévio conhecimento e autorização de seus superiores. Isso também ocorreu em outros microcosmos fixos como o Edifício Avenida Central e o Metrô em que se caracteriza um certo distanciamento e resguardo e os funcionários apresentam posturas comportamentais que são reflexo desses espaços formais de trabalho. O contraponto de tal questão foi percebido na interação entre os entrevistadores e entrevistados nos microcosmos móveis, considerados informais. Na Feira de artesanato com ambulantes e os artistas de rua apresentaram-se, de maneira geral, solícitos e participativos nas entrevistas, contribuindo, dessa forma, para a decodificação dos diferentes olhares sobre o lugar. Como dito por eles “a liberdade” é um dos elementos marcantes nesse modo de vida, que acaba por influenciar seus comportamentos espaciais. O Largo é um espaço múltiplo, diversificado e apresenta uma intensa fluidez com relação às práticas sócio-culturais cotidianas. Da mesma maneira que temos atores que atuam neste palco da vida há décadas, estabelecendo uma relação de afetividade e familiaridade estreita com o local, temos também pessoas que estão no local há

poucos meses e até mesmo semanas, mas que parecem se familiarizar com esse ambiente de fluxos contínuos, tornando-o dia após dia em espaço fluído e dinâmico.

Neste estudo, um fato curioso merece destaque. Encontra-se no Largo da Carioca um monumento que data de 1909, ou seja, foi colocado no local logo após a grande reforma “Bota-abaixo”. Tal monumento é denominado ‘relógio lampadário’, apresenta quatro faces com esculturas de ‘mulheres anjos’, e ainda símbolos relacionados à Coroa Portuguesa. O curioso é que todos os sujeitos/atores que trabalham, portanto vivenciam o cotidiano no Largo da Carioca, não se referiram em nenhum momento a tal monumento. Durante a pesquisa bibliográfica encontramos um livro com o registro de todos os relógios monumentos da Cidade, porém lá também não constava este ‘relógio lampadário’. Tais fatos confirmam que há uma ausência de valorização da memória e dos patrimônios públicos em nossa Cidade, o que nos leva a refletir sobre o próprio papel de nossa educação formal que não prima por valorizar nossa História. O relógio por si só parece simbolizar a atenção ao ‘tempo’. O mundo moderno impõe aos sujeitos um controle sobre esse tempo, principalmente nas grandes cidades; o tempo do trabalho, do lazer, do estudo nas metrópoles deve ser medido, controlado. No entanto, no Largo da Carioca tal símbolo deixa de ser reconhecido por aqueles que por ali passam e/ou permanecem. O ‘relógio lampadário’ parece ser invisível nessa praça. (ver foto 11)



Foto 11 - Relógio lampadário – monumento ‘invisível’ no Largo da Carioca.
MARCIAL, A.P. 2008.

A *cena* que se traduz diariamente no espaço que compreende esta tradicional Praça da Cidade, no centro da metrópole do Rio de Janeiro, já foi chamada Largo de Santo Antônio e hoje é conhecida como Largo da Carioca. Marcada pelo encontro e sobreposição de significados e interesses variados, refletidos na arquitetura encarnada da população se movendo e ocupando esta praça pública através de suas práticas sócio-culturais cotidianas, se contrapõe à arquitetura materializada e expressa por *formas simbólicas* repletas de significados, constituindo um mosaico de paisagens contrastantes. A redefinição do espaço sugere que o *reino* público não reside, nem pode ser representado por edificações ou espaços, mas surge pelos atos e práticas sociais.

Esperamos, desse modo, ter contribuído, a partir de uma proposta de aplicação de uma combinação de métodos e teorias, buscando decodificar os diversos *mapas de significados* que se apresentam no Largo da Carioca, um 'outro' caminho para as pesquisas em geografia cultural no espaço urbano.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. IPLAN RIO – Instituição de Planejamento Municipal. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 149p.

BENCHIMOL, Jaime L. *Pereira Passos: um Haussman tropical*. A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. 330p.

BERNARDES, Lysia M.C. Evolução da paisagem urbana do Rio de Janeiro até o início do século XX. In: ABREU, Maurício de A. *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, depto. Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. p.37-53.

BERQUE, Augustin. Paisagem – Marca, Paisagem – Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998. p.84-91.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Geografia cultural : um século (3)*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1981 (tradução em 2002). p.83-132.

CARVALHO, Delgado de. *História da Cidade do Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Transporte, 1988. 125p.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. *Os espetáculos de rua do Largo da Carioca*. 1997. 198f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

CAVALCANTI, Nireu. Campo, Rocio, Largo, Praça, Passeio: espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro colonial. Texto apresentado no Colóquio Internacional – Praças reais, passado, presente e futuro. Lisboa, 23,24 e 25 de novembro de 2006.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Ed.UFSC, 1999. 453p.

_____. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R.L. (orgs.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2001. p.35-86.

COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. São Paulo: Ed.USP, 1988.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo. Editora Ática, 1989.

_____. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.15-48.

_____. *Trajetórias Geográficas*. Segunda parte – O espaço Urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.121-171.

_____. Carl Sauer e a escola de Berkeley – uma apreciação. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R.L. (orgs.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.9-34.

_____. Sobre a Geografia Cultural. Textos Nepec 3. Rio de Janeiro. Nepec. Setembro, 2007a.

_____. Conferência Internacional Aspectos Culturales em las Geografías Económicas, Sociales y Políticas. (Resumo) Formas Simbólicas Espaciais e Política. Buenos Aires 9 al 11 de octubre de 2007b.

_____. Formas Simbólicas e Espaço – algumas considerações. Aurora. Geography Journal, 1 (1), 2007c.

_____. A espacialidade da cultura. In: OLIVEIRA, M. P.; COELHO, M. C. N.; CORRÊA, A. M. (orgs). *O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas (II)*. Rio de Janeiro. Lamparina: Faperj, Anpege, 2008. p.301 -313.

CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224 p.

_____. *Cultura, Espaço e o Urbano*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2006. 165p.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998. p.92-123.

DUNCAN, James. O supraorgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.63-102.

_____. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagens, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.91-132.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1957.145p.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. Coleção Vida e Cultura Edição 'Livros do Brasil'. Lisboa. S/data

JOSEPH, I. A respeito do bom uso da Escola de Chicago. In: VALLADARES, L.P. (org.) *A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Ed UFMG. 2005. p.94-127.

LINDÓN Alicia, HIERNAUX, Daniel e AGUILAR, Miguel Angel. De la espacialidad, el lugar y los imaginários urbanos: a modo de introducción. In: _____ (orgs) *Lugares e imaginários em la metrópolis*. Barcelona: Anthropos Editorial. 2006. p.9-25.

MANDOKI, Kátia. Sites of Symbolic Density: a relativistie approach to experienced space. In: LIGHT, H. e SMITH, J. S. (orgs). *Philosophy and Geography III: Philosophies of place*. Lanham: Rowman and Littlefied, 2003. p.73-95.

MARCIAL, Adriana Pires. *O Largo da Carioca e seus microcosmos*. 2001.106f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj, Rio de Janeiro, 2001.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. In: *Revista Espaço e Cultura*, n.13, Rio de Janeiro: UERJ, Jan./Jun de 2002. p.35-46.

MELLO, João Baptista Ferreira. Explosões e estilhaços de centralidades no Rio de Janeiro. In: *Revista Espaço e Cultura*, ano 1, nº 1, Rio de Janeiro: NEPEC,1995.p.23-43.

_____.Espaço, lugar e “deslugar”. In: *Revista Redes*, v.1.n.2, Rio de Janeiro, maio/agosto de 1997. p.93-107.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: Otávio Velho (org.) *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967. p.29-72.

RAMOS, Kátia de Souza. *As persistentes transformações espaciais no Largo da Carioca: Do Convento de Santo Antônio ao Edifício Avenida Central*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE, 2001.

RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural. Divisão de Editoração. Coleção Biblioteca Carioca, 1991. 205p.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.187- 224.

SÁ. Celso Pereira. As memórias da memória social. In: _____(org.). *Memória e representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Museu da República, 2005. p.63-86.

SACASA, Maria Del Carmen Gutierrez. *O Impacto do Metrô na Cidade do Rio de Janeiro: estudo de caso das RA's no percurso da linha I*. 1995. 105f. Dissertação – Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

SANTOS. Milton. *Por uma Geografia Nova*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC. 1986. 236p.

SCOTT, Allen J. Capitalism, cities and production of symbolic forms. *Transactions of the institute of Bristish Geographers*, 26 (1), 2000. 11-23p.

SMITH, Pamela Schurmer. Methods and methodology. In: _____ (org.) *Doing Cultural Geography*. London: Sage Publications. 2002. p.95-100.

TEIXEIRA, Milton de Mendonça. *O Rio de Janeiro e suas praças*. 1.ed. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro – RIOTUR, 1988. 132p.

WILDNER, Kathrin. *La Plaza mayor, ¿ centro de la metrópoli ? Etnografía Del Zócalo de la ciudad de México*. Universidad Autônoma Metropolitana, 2005. 301p.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967. p.97-122.

VELHO, Gilberto. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: _____ *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p.11-30.

ANEXO**ENTREVISTA QUALITATIVA**

1.) Sexo ♂ Masculino ♀ Feminino

2.) Idade: _____ anos.

3.) Atividade
profissional: _____

4.) Há quantos anos trabalha aqui no Largo da Carioca?

5.) O que mais lhe chama a atenção no Largo da Carioca?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)